OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 241

1 DE SETEMBRO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

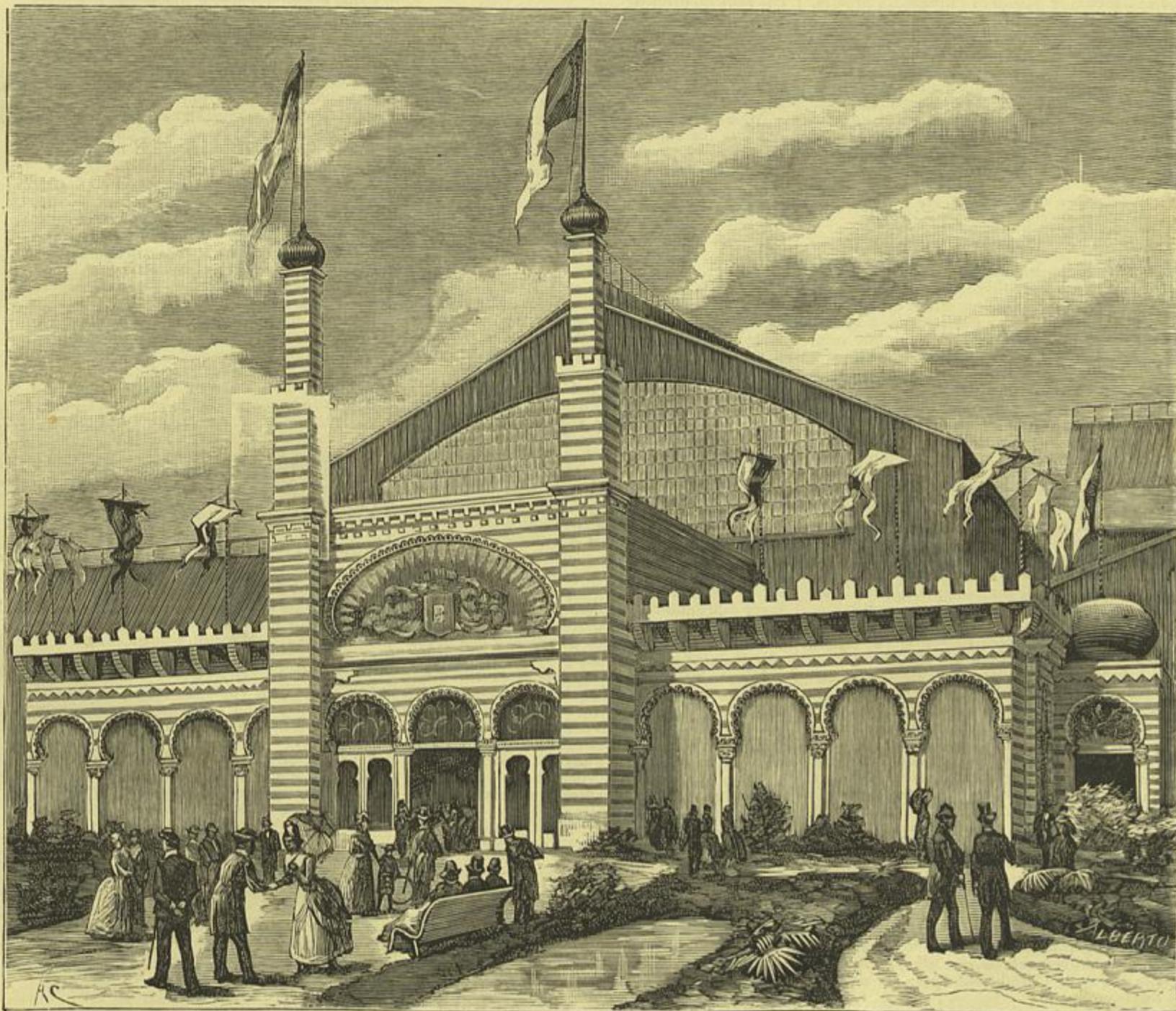
CHRONICA OCCIDENTAL

Está finalmente satisfeita a anciedade curiosa do publico.

A *Velhice do Padre Eterno* está já á venda em todas as livrarias de Portugal, e creio que não ha banca de trabalho de homem que saiba ler e que se importe, medianamente que seja, com coisas litterarias, em que o livro de Guerra Junqueiro não esteja já, muito folheado, muito lido, muito annotado, tendo servido já de texto para violentas discussões, para ardentes censuras e para enthusiasticas defezas.

A *Velhice do Padre Eterno* é essencialmente um livro de aggressão, uma aggressão terrivel, herculea, brutal, que não admitte indifferentes.

Quem o ler, ou ha de ser por elle ou contra elle. Não é livro que depois de folheado se feche serenamente e se atire negligentemente para um canto sem mais pensar em tal.

E se não, ouçam-se ahi nos cavacos das lojas, nas conversas dos gremios, nos dialogos das salas, a bulha que a *Velhice do Padre Eterno* está fazendo, as discussões vehementes que levanta, os inimigos ferozes que provoca, as sympathias apaixonadas que inspira.

EXPOSIÇÃO DE ANVERS — PAVILHÃO PORTUGUEZ DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA (Segundo uma photographia)

O tom geral do livro é de uma audacia desusada; a indignação e a satyra teem um desbragamento masculo a que não se está habituado, e d'ahi uma sensação profunda e immediata em todos que pela primeira vez folheiam a *Velhice do Padre Eterno.* E essas ousadias de linguagem e de idea exasperam uns, deliciam outros.

Os religiosos, os fanaticos, os clericaes, urram ao ler aquella poesia brutal e estranha, que não recua diante de nenhuma inconveniencia para seguir o seu caminho, para attingir o seu fim, e clamam indignados contra a liberdade de imprensa, e pedem para a *Velhice do Padre Eterno* a prohibição da policia, e para Guerra Junqueiro a prisão correccional, já que não podem decentemente pedir para ambos uma fogueirinha na praça de D. Pedro IV.

Esse enxame de livre-pensadores imberbes que andam por ahi dizendo baboseiras pelos botequins e apanhando raposas nos lyceus; esses atheus de mama, que envolvem no mesmo odio rancoroso Deus e o sr. Epiphanio, o Padre Eterno e o padre Simões; esses devoram o novo livro do auctor da *Morte de D. João* triumphantemente como o seu evangelho, e querem por força que toda a gente se curve ante o papa Junqueiro e que o vaticano se mude de Roma para Vianna do Castello.

E uns e outros não comprehendem o livro do grande poeta: apanham o sentido parcial de uma ironia solta, de uma apostrophe isolada, e deixam fugir o sentido profundamente philosophico que resplandece da collectividade de todas as formosas poesias que constituem a *Velhice do Padre Eterno;* uns indignam-se contra os ataques violentos, as aggressões grosseiras, os chasques impios que em todo o livro se dirigem a Deus; outros apaixonam-se por essas impiedades brutaes, por esse atheismo dissolvente: e nem uns nem outros comprehendem que o Deus a quem o poeta vibra os seus golpes acerados é o Deus de Roma, é o Deus da lenda clerical, é o Deus feito pelo homem, ao passo que tudo o que ha de mais santo, de mais grandioso, de mais levantado, na sua alma e na sua poesia canta hosannas triumphaes ao Deus ideal, ao Deus eterno, ao Deus omnipotente, que não é forjado pelos homens, mas resplandece no fundo da grande alma humana:

> Ó crentes como vós no intimo do peito
> Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal.
> O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito:
> Creio que Deus é eterno e que a alma é immortal.

Não é nosso intento, nem seria aqui o logar, de fazer a critica do novo livro. Alem d'isso o proprio poeta declara n'uma nota no fim do livro que a critica só poderá julgar inteiramente a *Velhice do Padre Eterno* quando reunidos os dois volumes que a completam, o primeiro, que temos a nosso lado, e o segundo, que está já no prelo: o primeiro, que é a satyra, e o segundo, que é a epopea.

O *successo* do livro de Junqueiro tem sido enorme e excepcional, e comprehende-se, porque enorme e excepcional é tambem o talento que o concebeu e executou.

Contra a espectativa de toda a gente, a *Velhice do Padre Eterno* não é um poema, é um *recueil* de varias poesias, que isoladas formam individualmente corpos separados, mas que juntas teem todas a mesma significação, obedecem ao mesmo principio e attingem o mesmo fim: «50 poesias, 50 balas que, partindo de diversos pontos, vão bater no mesmo alvo», como diz o proprio auctor.

Entre as poesias que constituem o primeiro volume da *Velhice do Padre Eterno* já publicadas, como por exemplo o *Melro* e a *Benção da locomotiva,* ha outras que, apesar de ineditas, já conheciamos, como o *Baptismo* e a *Circular,* duas obras primas em que já falámos aqui mesmo aos nossos leitores ha tres annos, quando escrevemos umas chronicas no Bom Jesus do Monte, onde Junqueiro nol-as recitou n'uma noite esplendida de luar, que valia de certo muito mais que toda a luz electrica que está agora illuminando a velha estatua do legendario Longuinhos.

A *Velhice do Padre Eterno,* embora a critica definitiva não possa ainda sobre ella dizer a sua ultima palavra, é uma obra poderosa, um trabalho possante do espirito humano que veio já occupar logar notavel entre as obras primas da nossa litteratura e que em toda a parte será uma grande obra.

N'outro logar damos hoje no OCCIDENTE uns trechos d'esse livro notavel, que não precisava do escandalo que está produzindo para ter um *successo* extraordinario.

Um d'esses trechos é a primeira poesia, *Aos simples,* em que ha versos dos mais primorosos que se teem escripto em lingua portugueza. Outro, é o sonho do abbade, uma parte da *Sesta do sr. abbade,* que é um primor de acerada critica e de graciosa forma litteraria.

A *Velhice do Padre Eterno* é dedicada á memoria querida de Guilherme de Azevedo e offerecida a Eça de Queiroz.

Preoccupou durante alguns dias a attenção dos portuguezes um conflicto muito grave que esteve imminente entre a Hespanha e a Allemanha.

A Allemanha quiz tomar posse das ilhas Carolinas: a Hespanha toda inteira, com uma energia patriotica que lhe faz honra, protestou violentamente contra a pretenção germanica, tão violentamente, que o chanceller do imperio se curvou diante da indignação sacratissima do povo hespanhol.

A questão era tão séria, tão séria, que por isso mesmo nos pareceu logo, sem nos querermos dar ares de ver muito longe em politica extrangeira, que a cousa não iria por diante.

E effectivamente não foi.

Depois de um *meeting* imponente realisado no Prado, depois da attitude viril de todo o paiz, a questão entrou nos dominios da diplomacia e perdeu portanto o seu caracter gravissimo.

Tout est bien ce qui finit bien,

Vamos entrar no mez de setembro, e portanto na nova epocha theatral.

A epocha passada foi para todos os theatros pouco prospera, o que nos dá a esperança de que se este anno não fôr mais prospera para as emprezas, será pelo menos mais agradavel para o publico.

Os prejuizos do anno passado devem ter obrigado decerto os emprezarios a cuidar muito mais dos seus reportorios.

A Empreza de D. Maria, por exemplo, tem-se preparado com mais escrupulo para a campanha theatral, do que nos annos anteriores, e no reportorio que já tem delineado, figuram peças importantes, trabalhos de primeira ordem como o *Hamlet,* o *Alfageme de Santarem,* o *Severo Torelli.*

Além d'isso a Empreza reconsiderou, e parecenos que fez muito bem, emquanto á sua medida do anno passado da suppressão da orchestra.

Quando por esse tempo se ventilou na imprensa a questão das orchestras nos theatros de declamação, nós démos aqui minuciosamente a nossa opinião a esse respeito.

Vemos agora que a Empreza de D. Maria, reconsiderando, vem reforçar a nossa opinião, seguindo-a á risca.

Dissemos nós que as orchestras como estão montadas e fazendo o serviço que fazem, não tem significação nem importancia alguma nos nossos theatros, a não ser a de lhes tirar a nota triste e pesada que a falta de musica dá sempre a um espectaculo theatral.

Parecia-nos que o papel destinado ás orchestras nos theatros de declamação deveria ser inteiramente outro: e em vez de tocar uma walsa qualquer desafinada antes do panno subir, deveria preencher os intervallos, executando um reportorio bem escolhido de concerto, formando assim como que um segundo espectaculo, para entreter os espectadores, e sobre tudo as espectadoras, essas verdadeiras victimas da tristeza semsaborona dos entre-actos dos theatros de declamação.

Pois com muito prazer nosso, soubemos que é exactamente isto que a Empreza de D. Maria vae fazer este anno no seu theatro, e que tem já contractado para esses concertos um pequeno grupo de artistas distinctos, que garantem a boa execução dos seus programmas.

E feito isto n'um theatro, estamos certos que todos os outros seguirão o bom exemplo, o que será uma felicidade para o publico que poderá passar os intervallos divertidamente sem ter que se resfriar pelos corredores, ou de dormir a somno solto nas cadeiras, e para os artistas, que poderão caracterisar-se á vontade, sem ter a apresal-os a pateada impaciente dos espectadores seccados e aborrecidos.

Assim seja.

Gervasio Lobato.

AOS SIMPLES

Ó almas que viveis puras, immaculadas
Na torre de luar da graça e da illusão,
Vós que inda conservaes, intactas, perfumadas,
As rosas para nós ha tanto desfolhadas
Na aridez sepulchral do nosso coração;
Almas, filhas da luz das manhãs harmoniosas,
Da luz que acorda o berço e que entreabre as rosas,
Da luz, olhar de Deus, da luz, benção d'amor,
Que faz rir um nectario ao pé de cada abelha,
E faz cantar um ninho ao pé de cada flor;
Almas, onde resplende, almas onde se espelha
A candura innocente e a bondade christã,
Como n'um céo d'Abril o arco da alliança,
Como n'um lago azul a estrella da manhã;
Almas, urnas de fé, de caridade, e esp'rança,
Vasos d'oiro contendo aberto um lirio santo,
Um lirio immorredoiro, um lirio alabastrino,
Que os anjos do Senhor vem orvalhar com pranto,
E a piedade florir com seu clarão divino;
Almas que atravessaes o lodo da existencia,
Este lodo perverso, iniquo, envenenado,
Levando sobre a fronte o explendor da innocencia,
Calcando sob os pés o dragão do peccado;
Bemditas sejaes, vós, almas que est'alma adora,
Almas cheias de paz, humildade e alegria,
Para quem a consciencia é o sol de toda a hora,
Para quem a virtude é o pão de cada dia!
Sois como a luz que doira as trevas d'um monturo,
Ficando sempre branca a sorrir e a cantar;
E tudo quanto em mim ha de bello ou de puro,
—Desde a esmola que eu dou á prece que eu murmuro —
É vosso: fostes vós o meu primeiro altar.
Lá da minha distante e encantadora infancia,
D'esse ninho d'amor e saudade sem fim,
Chega-me ainda a vossa angelica fragrancia
Como uma harpa éolia a cantar a distancia,
Como um veu branco ao longe inda a acenar por mim!
. . . .
. . . .
. . . .

Minha mãe, minha mãe! ai que saudade immensa,
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.
Cahia mansa a noite; e andorinhas aos pares
Cruzavam-se voando em torno dos seus lares,
Suspensos do beiral da casa onde eu nasci.
Era a hora em que já sobre o feno das eiras
Dormia quieto e manso o impavido lebréu.
Vinham-nos da montanha as canções das ceifeiras,
E a lua branca, além, por entre as oliveiras,
Como a alma d'um justo, ia em triumpho ao céo!...
E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,
Vendo a lua subir, muda, alumiando o espaço,
Eu balbuciava a minha infantil oração,
Pedindo ao Deus que está no azul do firmamento
Que mandasse um allivio a cada soffrimento,
Que mandasse uma estrella a cada escuridão.
Por todos eu orava e por todos pedia.
Pelos mortos no horror da terra negra e fria,
Por todas as paixões e por todas as maguas...
Pelos miseros que entre os uivos das procellas
Vão em noite sem lua e n'um barco sem vellas
Errantes atravez do turbilhão das aguas.
O meu côração puro, immaculado e santo
Ia ao throno de Deus pedir, como inda vae,
Para toda a nudez um panno do seu manto,
Para toda a miseria o orvalho do seu pranto
E para todo o crime o seu perdão de Pae!...
. . . .
. . . .

A minha mãe faltou-me era eu pequenino,
Mas da sua piedade o fulgor diamantino
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,
Como junto d'um leão um sorriso divino,
Como sobre uma forca um ramo d'oliveira!

* * *

O' crentes, como vós, no intimo do peito
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal.
O horisonte é infinito e o olhar humano é estreito:
Creio que Deus é eterno e que a alma é immortal.

Toda a alma é clarão e todo o corpo é lama.
Quando a lama apodrece inda o clarão scintilla:
Tirae o corpo — e fica uma lingua de chamma...
Tirae a alma — e resta um fragmento d'argila.

E para onde vae esse clarão? Mysterio...
Não sei... Mas sei que sempre ha-de arder e brilhar,
Quer tivesse incendiado o craneo de Tiberio,
Quer tivesse aureolado a fronte a Joana Darc.

Sim, creio que depois do derradeiro somno
Ha-de haver uma treva e ha-de haver uma luz
Para o vicio que morre ovante sobre um throno,
Para o santo que expira inerme n'uma cruz.

Tenho uma crença firme, uma crença robusta
N'um Deus que ha-de guardar por sua propria mão
N'uma jaula de ferro a alma de Lucusta,
N'um relicario d'oiro a alma de Platão.

Mas tambem acredito, embora isso vos peze,
E me julgueis talvez o maior dos atheus,
Que no universo inteiro ha uma só diocese
E uma só cathedral com um só bispo — Deus.

E muito embora a vossa egreja contriste
E a excommunhão papal nos abraze e destrua,
A analyse é feroz como uma lança em riste
E a verdade cruel como uma espada nua.

Cultos, religiões, biblias, dogmas, assombros,
São como a cinza vã que sepultou Pompeia.
Exhumemos a fé d'esse montão de escombros,
Desentulhemos Deus d'essa aluvião de areia.

E um dia a humanidade inteira, oceano em calma,
Ha-de fazer, na mesma aspiração reunida,
Da razão e da fé os dois olhos da alma,
Da verdade e da crença os dois polos da vida.

A crença é como o luar que nas trevas fluctua;
A razão é do céo o explendido farol:
Para a noite da morte é que Deus nos deu lua...
Para o dia da vida é que Deus fez o sol.

*
* *

Mas, ai eu comprehendo os martyrios secretos
Do pobre camponez, já quasi secular,
Que vê tombar por terra o seu ninho de affectos,
A casa onde nasceu seu pae, e onde os seus netos
Lhe fechariam, morto, o escurecido olhar.
Comprehendo o pavor e a lividez tremente
De quem em noite má, caliginosa e fria
Atravessa a montanha á luz d'um facho ardente
E uma rajada vem alucinadamente
Apagar-lh'o c'o'a aza athletica e sombria,
Deixando-o fulminado e quasi sem sentidos
A ouvir o ulular das feras e os bramidos
Do ciclone que explue rouco do sorvedoiro
E se enrosca furioso aos platanos partidos
A estrangulal-os, como uma giboia um toiro.
Comprehendo a agonia, o desespero insano
Do naufrago na rocha, entre o abysmo do oceano,
Vendo rolar, rugir os glaucos vagalhões
Como uma cordilheira herculea de montanhas,
Com jaulas colossaes de bronze nas entranhas,
E um domador lá dentro a chicotear trovões.

....

O vosso facho, o vosso abrigo, o vosso porto,
É um Deus que para nós ha muito que está morto,
E que inda imaginaes no entretanto immortal.
Vivei e adormecei n'essa crença illusoria,
Já não podeis transpôr os mil annos da historia
Que vão do vosso credo absurdo ao nosso ideal.
Vivei e adormecei n'essa illusão sagrada,
Fitando até morrer os olhos de Jesus,
Como o ephemero vão que dura um quasi nada,
Que nasce de manhã n'um raio d'alvorada,
E expira ao pôr do sol n'outro raio de luz.
Eu bem sei que essa crença ignorante e sincera,
Não é a que illumina as bandas do Porvir
Mas vós sois o Passado, e a crença é como a hera
Que sustenta e dá inda um tom de primavera
Aos velhos torreões gothicos a cahir.
Sim, essa crença é um erro, uma illusão, é certo;
Mas triste de quem vae pelo areal deserto
Vagabundo, esfaimado e nú como Caim,
Sem nunca ver ao longe os palacios radiantes
D'uma cidade d'oiro e marmore e diamantes
No chimerico azul d'essa amplidão sem fim!
Quem ha-de arrancar pois do seu piedoso engaste
O vosso ingenuo ideal, ó tremulos velhinhos,
Se a chimera é uma rosa e a existencia uma haste,
Rosa cheia d'aroma e haste cheia de espinhos!
Quem vos ha-de cortar a flor da vossa esp'rança,
Quem vos ha-de apagar a angelica visão,
Se essa luz para vós é como uma creança
Que guia n'uma estrada um cégo pela mão!
Quem vos ha-de acordar d'esse sonho encantado?!
Quem vos ha-de mostrar a evidencia cruel?!
Ah! deixemos a ave ao ramo já quebrado,
E deixemos fazer ao enxame doirado
No tronco que está morto o seu favo de mel!
O' velhos aldeões, exhaustos de fadiga,
Que andaes de sol a sol na terra a mourejar,
Roubar-vos da vos'alma a vossa crença antiga
Seria como quem roubasse a uma mendiga
As tres achas que leva á noite para o lar!
Oh, não! guardae-a bem essa crença d'outr'ora;
É ella quem vos dá a paz benigna e santa,
Como a paz d'um vergel inundado d'aurora,
Onde o trabalho ri e onde a miseria canta.
Guardae-a sim, guardae! E quando a morte em breve
Vos entre na choupana esqualida e feroz,
A agonia será bem rapida e bem leve,
Porque um anjo de Deus mais alvo do que a neve
Ha-de estender sorrindo as azas sobre vós.
E vós conhecereis em seu olhar materno
Que é o anjo que emballou vosso somno infantil,
E que hoje vem do céo mandado pelo Eterno,
Para sorrir na morte ao vosso branco inverno,
Como sorriu no berço ao vosso claro Abril.
E ao pender-vos gelada a fronte alabastrina
Irá levar a Deus o vosso coração,
Tão manso e virginal, tão novo e tão perfeito,
Que Deus ha-de beijal-o e aquecel-o no peito,
Como se acaso fosse uma pomba divina,
Que viesse cahir-lhe exanime na mão!

A SESTA DO SENHOR ABBADE

....

Sonhou ver desfilar, oh ventura illusoria!
Um prestito pagão, um cortejo de gloria,
A aclamal-o. Na frente uma vara sombria
De bacoros roncava em côro esta poesia:

Deus fez o porco para o frade.
Deus destinou-nos os presuntos
Para os seus untos,
Senhor abade.
Grunhamos, pois, grunhamos todos juntos:
Viva o abade! Viva o abade!!

Succediam-se logo em manadas e em bando
Perdizes e perus e patos conclamando:

Patos, perus, gallinhas e perdizes
Somos felizes!
Oh, que ventura!
Como é doce morrer tendo a certeza
De bem assados em manteiga ingleza
Ir para a meza
Do senhor cura!
Oh, que ventura! oh, que ventura!!...

N'um carro triumphal trovejava depois
Um tonel arrastado a cem juntas de bois:

O sonho, o canto e a dança
Vivem na minha pança.
Que trilogia!
Sonhar, dançar, cantar!
A tristeza morreu um bello dia
N'um lagar.
Vá, Padre-mestre, com bizarria!
Cantaro á bocca, toca a virar!

Meu Padre-mestre, nunca o teu bico
Provou ainda vinho tão rico,
Sem confeição!
Vinho como este
Nunca o bebeste,
Não.

Vá Padre-mestre, põe-me um repuxo,
Muda-me todo para o teu buxo,
Meu tubarão!
Depois rolemos, ás gargalhadas,
Dando umbigadas,
Dando pançadas
No chão!...

Um gracioso tropel de donzellas formosas,
Frescas e virginaes como botões de rosas,
A saia curta, o rir brégeiro, o arzinho honesto,
Deixando vêr a perna e fantasiar o resto,
Vinha cantando atraz esta canção feliz,
Ao som de theorbas d'oiro e avénas pastoris:

Somos trezentas sessenta e seis,
Olhos maganos, boccas em flor...
Dignas de reis!
E vimos todas, senhor Prior,
Dar-vos aquillo que vós sabeis...
Somos trezentas sessenta e seis!
Um calendario d'anno bisexto,
Feito d'amor!
Livro novinho!... papel e texto!...
Abra-lhe as folhas sem medo ao sexto,
Abra-lhe as folhas, Padre Prior!

Caminhavam por fim, ronceiros, de vagar,
Os grandes carroções da Congrua e Pé de Altar,
Puxados a duas mil parelhas de jumentos,
Zurrando esta epopeia heroica aos quatro ventos:

Senhor Parocho, toda a freguezia,
Uns quatro mil onagros,
Muito magros
Vem trazer isto a Vossa Senhoria.
Desculpe, senhor Parocho, a ousadia...
A offerta é bem mesquinha, é desgraçada.
Uns oitocentos moios simplesmente
De milho, de feijão, trigo e cevada.
E nós sabemos que um tão mau presente
Para o seu dente.
Não chega a nada! não chega a nada!
Mas é boa a intenção:
Nós reservamos para si o pão,
E para nós a palha unicamente.
Dar ao senhor Prior
Miseria assim, é vergonhoso até...
Mas aceite este mimo sem valor...
Senhor Parocho aceite-o, por quem é!...
E agora, senhor Parocho, a sua benção,
Porque os onagros pensão
Que ella salva das chammas infernaes;
E em paga de tal dom, de tal carinho
Rogaremos ao céo pelo focinho
Lhe permitta engordar cada vez mais.
Boa pinga e bom porco alemtejano,
E sempre nedio e alegre e satisfeito!...
Senhor Parocho, viva!... até p'ró anno...
Até p'ró anno... e muito bom proveito!...

....

Guerra Junqueiro.

Exposição da Sociedade de Geographia de Lisboa em Antuerpia

Vamos pelo seguro. Encostemo-nos aos documentos.

«Cada terra tem seu uso», diz o proloquio, e o uso da nossa, — uso antigo que vem já nas chronicas, — sente-se, vê-se, apalpa-se, em cada dia, a cada hora, a proposito de cada facto.

É dizer mal de tudo o que tem geito de esforço ou de gloria portugueza, e quando não ha remedio, a ter de dizer-se bem de alguma coisa que tenha este vicio de origem, attribuil-a a um simples acaso, a uma circumstancia meramente fortuita, a uma colligação de boas fortunas inesperadas, a este, áquelle, a qualquer, com tanto que não seja precisamente a quem de direito pertence.

Ou então, a *pécha*, o *fraco*, o *contra*, o inconveniente que ha de sempre haver em todas as coisas d'este mundo; que ás vezes não se vê muito claramente, é certo; que nem sempre se apanha com muita facilidade, mas que para evitar incommodos de reflexão ou impertinencias de estudo, se *inventa*, geralmente, com toda a sem-ceremonia das consciencias espertas.

— Descem os fundos?

É claro, — e pouco importa que seja tambem imbecil: — São os melhoramentos do porto de Lisboa que fazem descer os fundos.

O que não é, evidentemente, é a diffamação do credito nacional, a intriga das bolsas, os desmandos da politica, o folheto *que se diz* de Anvers, e uma infinidade de coisas semelhantes.

Seria pueril suppol-o.

Nem mais nem menos do que pueril!

— Sobem os fundos?

Pensavam talvez os senhores que era porque subia o credito, porque se restabelecia a confiança, porque se dissipavam as apprehensões.

Ingenuos que são!

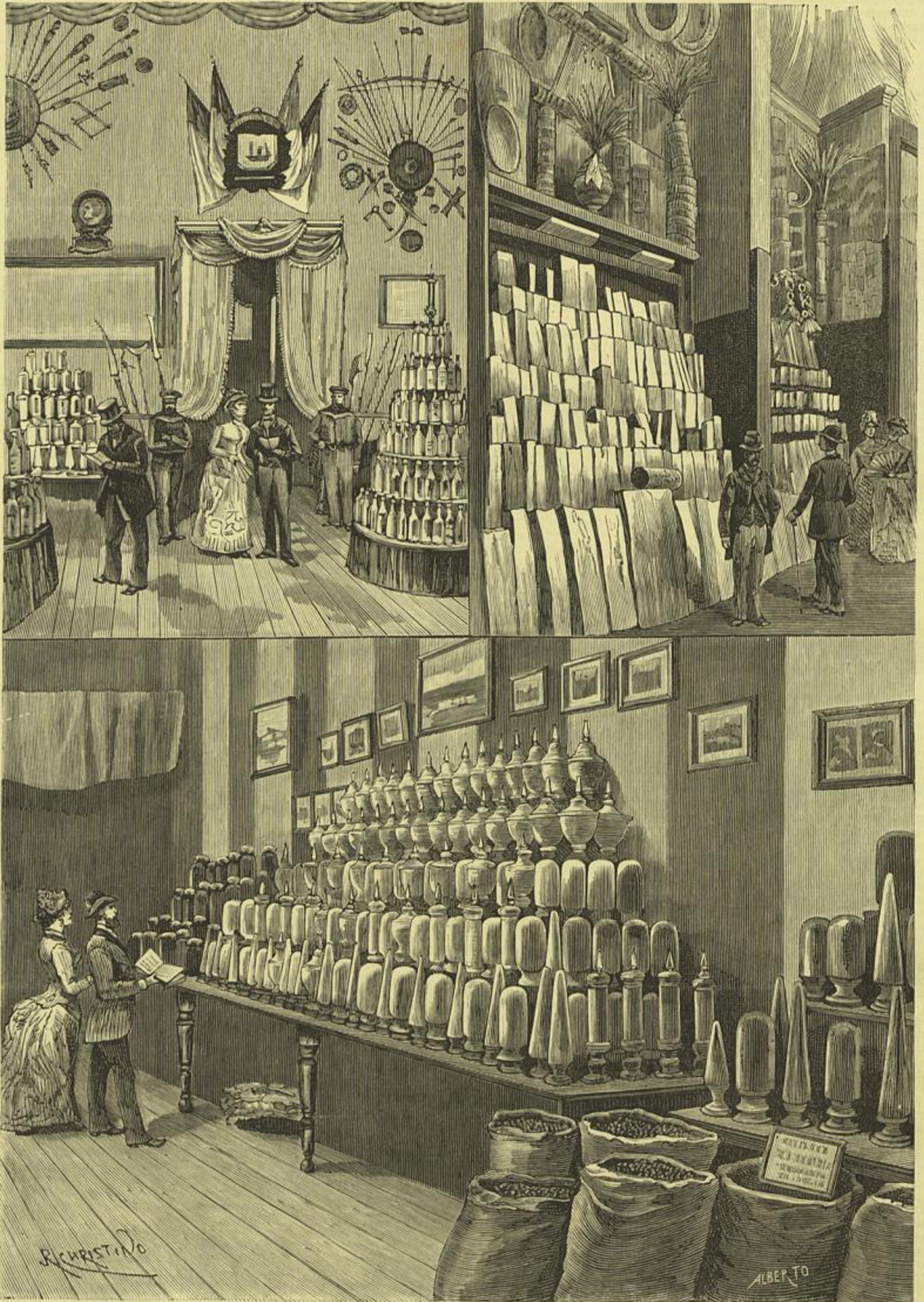
É apenas porque o capital portuguez, — um heroe em abnegações e sacrificios, como é vulgarismo que seja o capital, em toda a parte, facto que parece incrivel que não fosse indicado por Beaulieu, — se poz a comprar fundos quando a mais gente se apressava em desfazer-se d'elles.

Nada mais evidente.

Algumas compras de dedicação, e tambem um pouco de politica, explica tudo.

Já que falámos em politica: — façam favor de ver a questão do Zaire.

A Hespanha, sem conferencia de Berlim, sem os milhões do rei Leopoldo em guerra aberta com ella, sem uma mystificação habil e longamente organisada a embaraçar-lhe os seus direitos, a calumniar-lhe as suas aptidões, a desvirtuar-lhe os seus propositos; a Hespanha, sem um certo numero de patriotas a enfraquecer os seus representantes e a dar razão e pretexto aos seus adversarios, a briosa e poderosa Hespanha assignou no anno passado um protocollo, — digna continuação de outros, — pelo qual por pouco que não abdica inteiramente das suas pretenções e dos seus direitos nos mares e terras de Borneo e Jolo; — a Hespanha não conseguiu até hoje um reconhecimento de soberania sobre uma nesga de territorio africano que é seu; — a Hespanha sabe, *quando menos suppunha que podesse esperal-o*, — que um pavilhão estrangeiro se ergueu nas Carolinas.

Nós, porém, que obtivemos da Europa colligada para nos expoliar o reconhecimento do nosso dominio do Loge ao Zaire e de Cabinda ao Cacongo; nós, que, isolados, sosinhos, enfraquecidos, — e principalmente enfraquecidos por nossa propria culpa de seculos, — cedemos uma linha de territorio que nunca possuiramos de *facto* e acceitámos certos principios que sempre promette-

EXPOSIÇÃO DE ANVERS — SALAS DA EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA (Segundo photographias)

Supplemento ao n.º 241 do «Occidente»
1 de setembro de 1885

A
VICTOR HUGO

EXCERPTOS DE VICTOR HUGO

COM

UM DESENHO E UMA CARTA AUTOGRAPHA DO MESMO AUCTOR

LISBOA
EMPREZA DO «OCCIDENTE»
LARGO DO POÇO NOVO
Entrada pela Travessa do Convento de Jesus, 4
1885

A VICTOR HUGO

O PREFACIO DO RUY-BLAS

Tres especies de espectadores compõem o que se convencionou chamar — o publico: primeiro, as mulheres: depois os pensadores: por ultimo, a multidão propriamente dita. O que a multidão pede quasi exclusivamente á obra dramatica é a acção: o que as mulheres querem antes de tudo é a paixão: o que os pensadores mais especialmente procuram — é os caracteres.

Se se estudam attentamente estas tres classes de espectadores eis o que se nota: a multidão fascina-se tanto pela acção, que não faz caso das paixões nem dos caracteres. As mulheres, a quem a acção tambem interessa no fim de tudo, são tão absorvidas pela paixão, que se preoccupam pouco com o desenho dos caracteres: quanto aos pensadores, teem um tal gosto por ver caracteres, isto é, homens viverem sobre a scena que, acolhendo a paixão como incidente natural na obra dramatica, chegam quasi a ser importunados pela acção. Isto vem de que a multidão pede principalmente sensações: as mulheres commoções, o pensador meditações: todos querem um prazer: aquelles o prazer dos olhos, estas o prazer do coração, os ultimos o prazer do espirito.

D'ahi tres especies d'obras bem distinctas: uma vulgar e inferior, as outras duas illustres e superiores, mas que todas tres satisfazem uma necessidade: o melodrama para a multidão: para as mulheres a tragedia que analysa a paixão: para os pensadores a comedia que pinta a humanidade.

Digamol-o de passagem, nós não pretendemos estabelecer aqui nada de rigoroso: e pedimos ao leitor que modifique a nossa idéa com as restricções que ella pode conter. As generalidades admittem sempre excepções: sabemos perfeitamente que a multidão é uma grande coisa na qual se encontra tudo: o instincto do bello e o gosto do mediocre, o amor do ideal e o appetite do trivial: sabemos tambem que todo o pensador completo deve ser mulher pela delicadeza do coração, e não ignoramos que, graças a essa lei mysteriosa que liga os sexos um ao outro, tanto pelo espirito como pelo corpo, muitas vezes n'uma mulher existe um pensador. Assente isto, e depois de termos novamente pedido aos nossos leitores que não dêem uma accepção muito absoluta ás palavras que temos ainda a dizer, continuamos.

Para todo o homem que lance um olhar serio sobre as tres especies de espectadores de que acabamos de fallar, é evidente que todos tres teem razão. As mulheres teem razão em querer ser commovidas, os pensadores teem razão em querer ser instruidos, a multidão tem razão em querer ser divertida. D'esta evidencia deduz-se a lei do drama. Effectivamente, para lá d'essa barreira de fogo, que se chama a ribalta, e que separa o mundo real do mundo ideal, crear e fazer viver, nas condições combinadas da arte e da natureza, caracteres, isto é, e repetimol-o, homens: n'esses homens, n'esses caracteres pôr paixões que desenvolvam estes e modifiquem aquelles, e finalmente do choque d'esses caracteres e d'essas paixões com as grandes leis providenciaes fazer sahir a vida humana, isto é, os acontecimentos grandes, pequenos, dolorosos, comicos, terriveis, que contém para o coração esse prazer que se chama interesse, e para o espirito essa paixão que se chama moral: tal é o fim do drama. Como se vê o drama prende-se com a tragedia pela pintura das paixões, e com a comedia pela pintura dos caracteres. O drama é a terceira grande fórma da arte, comprehendendo, encerrando, e fecundando as duas primeiras.

Corneille e Molière existiriam independentemente um do outro se Shakspeare não estivesse entre elles, dando a Corneille a mão esquerda e a mão direita a Molière. D'este modo, as duas electricidades oppostas da comedia e da tragedia encontram-se, e a faisca que d'esse encontro dardeja é o drama.

Explicando assim como as estende, e como as tem já indicado muitas vezes, o principio, a lei e o fim do drama, o auctor está longe de se dissimular a exiguidade das suas forças, e a insufficiencia do seu espirito. Define aqui não o que fez, mas o que quiz fazer. Mostra o que foi para elle o ponto de partida. Nada mais.

Temos poucas linhas a escrever no principio d'este livro, e falta-nos o espaço para o desenvolvimento necessario.

Que nos permittam pois de passar, sem nos demorarmos mais sobre a transicção, das idéas geraes que acabamos de assentar, que, segundo nós — mantidas de resto todas as condições do ideal — regem toda a arte, a algumas das idéas particulares, que este drama, *Ruy Blas*, pode despertar em espiritos attentos.

E primeiramente, para não encarar senão um dos lados da questão, sob o ponto de vista da philosophia da historia, qual é a significação d'este drama?

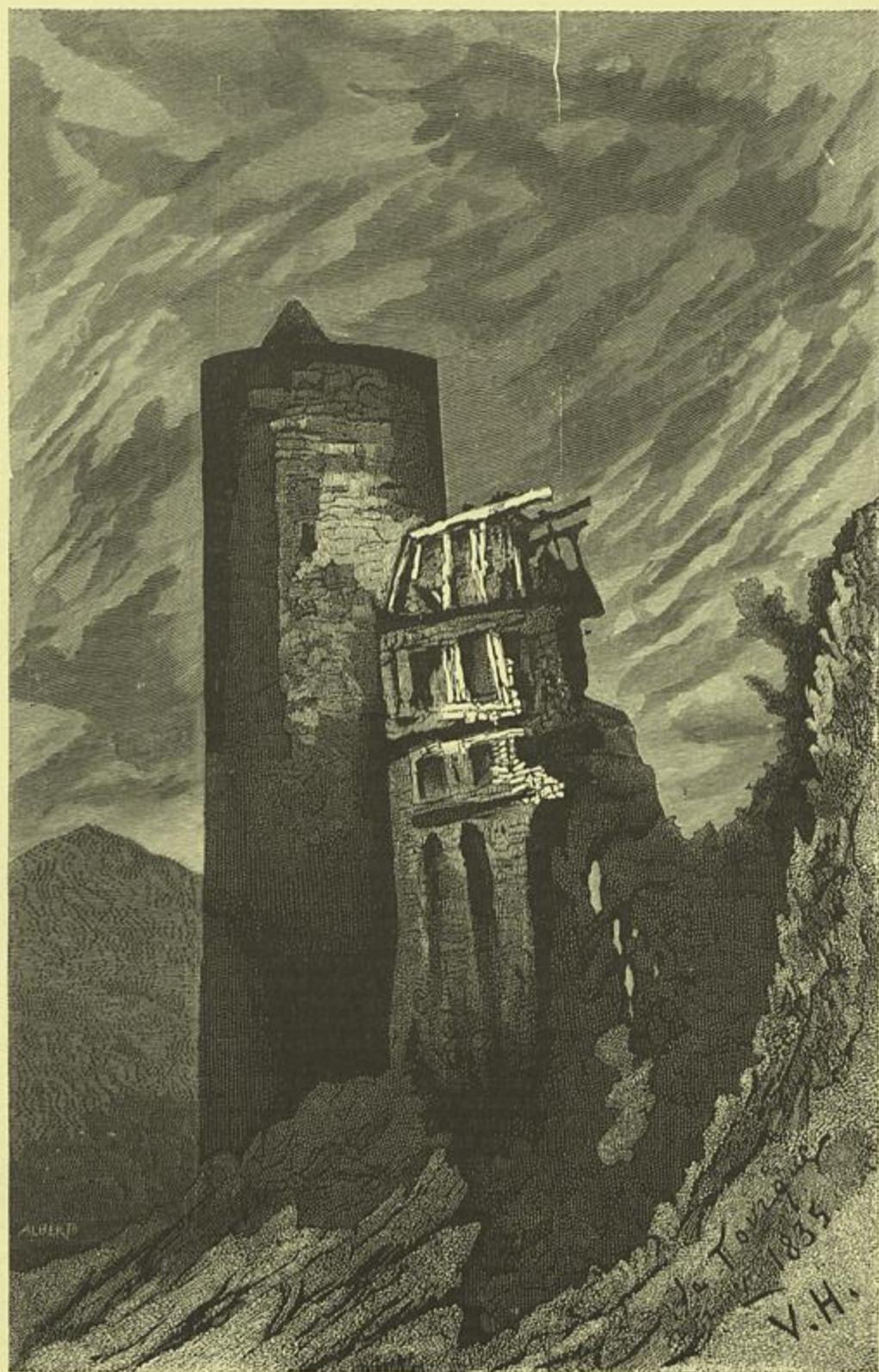
Expliquemo-nos.

No momento em que uma monarchia vae desabar, muitos phenomenos podem ser observados. Em primeiro lugar a nobreza tende a dissolver-se. Dissolvendo-se, divide-se, e eis de que modo:

O reino estremece, a dynastia apaga-se, a lei cahe em ruina; a unidade politica despedaça se ao contacto da intriga: o alto da sociedade abastarda-se e degenera: um mortal enfraquecimento faz-se sentir em todos; tanto fóra como dentro, as grandes coisas do Estado cahiram: só as pequenas ficam de pé; triste espectaculo publico: não ha policia, não ha exercito, não ha finanças: cada qual adivinha que o fim está a chegar. D'ahi, em todos os espiritos, aborrecimento da vespera, mêdo d'ámanhã: desconfiança de todos os homens: desanimo de todas as coisas: repugnancia profunda. Como a doença do Estado é na cabeça, a nobreza que está proximo d'ella, é a primeira a ser attacada. Que faz então? Uma parte dos fidalgos, a menos honrada e a menos generosa, deixa-se ficar na côrte. Tudo vae desabar, o tempo urge, é preciso aviar, é preciso enriquecer, e aproveitar as circumstancias. Ninguem pensa senão em si. Cada um talha, sem dó pelo paiz, uma pequena *fortuna* particular n'um canto do grande infortunio publico. É-se cortesão, é-se ministro, apressa-se em se ser feliz e poderoso. Tem-se espirito, deprava-se, e consegue-se tudo. Ordens do Estado, dignidades, lugares, dinheiro, apanha-se tudo, quer-se tudo, rouba-se tudo. Não se vive senão pela ambição e pela cobiça. Escondem-se as desordens secretas engendradas pela enfermidade humana sob muita gravidade exterior. E como essa vida toda consagrada á vaidade e aos gosos do orgulho tem por primeira condição o esquecimento de todos os sentimentos naturaes, tornam-se ferozes. Quando o dia da desgraça chega, qualquer coisa de monstruoso se desenvolve no cortezão cahido, e o homem transforma se em demonio.

O Estado desesperado do reino impelle a outra metade da nobreza, a melhor, a mais nobre, n'uma outra via. Essa vae para sua casa, recolhe-se aos seus palacios, aos seus castellos, aos seus dominios. Tem o horror aos negocios; nada pode, o fim do mundo approxima-se: que fazer, e para que se apoquentar? É preciso distrair-se, fechar os olhos, viver, beber, amar, gosar.

Quem sabe? chegará a ter-se um anno deante de si? Dito isto, ou mesmo simplesmente sentido, o fidalgo toma a cousa ao vivo, reforma a sua libré, compra cavallos, enriquece mulheres, organisa festas, paga orgias, deita fóra, dá, vende, compra hypotheca, compromette, devora, entrega-se aos agiotas e lança fogo aos seus haveres. Uma bella manhã acontece-lhe uma desgraça. É que apesar da monarchia estar a cambalear, elle caiu antes d'ella. Tudo se acabou, tudo ardeu. De toda essa bella vida flamejante, nem siquer resta o fumo; desfez-se já. Cinza, nada mais. Esquecido e abandonado por todos, excepto pelos credores, o pobre fidalgo torna-se então o que pode, um pouco aventureiro, um pouco espadachim, um pouco bohemio.

Embrenha-se e desapparece na multidão, grande massa sombria e negra, que até então mal entrevira de longe debaixo dos seus pés. Mergulha-se, refugia-se n'ella. Não tem já ouro, mas resta-lhe o sol, essa riqueza dos que não teem nada. Ao principio habitou no alto da sociedade, agora vem habitar em baixo, e accommoda se como pode: zomba do seu parente o ambicioso, que é rico, que é poderoso: faz-se philosopho e compara os ladrões aos cortezãos. De resto, boa, valente, leal

Um desenho de Victor Hugo — A Tourgue

Hauteville House

15 juillet

Votre noble lettre me fait battre le cœur.

Je savais la grande nouvelle; il m'est doux d'en recevoir par vous l'écho sympathique.

Non, il n'y a pas de petits peuples.

Il y a de petits hommes, hélas!

Et quelquefois ce sont eux qui mènent les grands peuples.

Les peuples qui ont des despotes ressemblent à des lions qui auraient des muselières.

J'aime et je glorifie votre beau et cher Portugal. Il est libre, donc il est grand.

Le Portugal vient d'abolir la peine de mort.

Accomplir ce progrès c'est faire le grand pas de la civilisation.

Dès aujourd'hui le Portugal est à la tête de l'Europe.

Vous n'avez pas cessé d'être, vous portugais, des navigateurs intrépides. Vous allez en avant autrefois dans l'océan, aujourd'hui dans la vérité. Proclamer des principes, c'est plus beau encore que de découvrir des mondes.

Je crie: Gloire au Portugal, et à vous: Bonheur!

Je presse votre cordiale main

Victor Hugo

Carta autographa de Victor Hugo, a respeito da abolição da pena de morte em Portugal (Vide traducção a pag. 8)

e intelligente natureza: mixto de poeta, de mendigo, de principe; rindo de tudo: fazendo espancar a ronda pelos seus companheiros, como dantes mandava pelos seus lacaios, mas não lhe tocando nunca: alliando nos seus modos, a independencia do marquez ao descaramento do zingaro: sujo por fóra, limpo por dentro, e não tendo já de fidalgo senão a sua honra que conserva, o seu nome que esconde, e a sua espada que mostra.

Se o duplo quadro que acabamos de traçar apparece na historia de todas as monarchias, n'um momento dado, apresenta-se particularmente em Hespanha, de um modo accentuado no fim do seculo XVII. Por isso se o auctor tivesse conseguido executar esta parte da sua idéa, o que está longe de suppôr, no drama que vae ler-se, a primeira metade da nobreza hespanhola d'essa epocha resumir-se-hia em D. Sallustio, a segunda metade em D. Cesar. Ambos primos, como convém.

Aqui, como em toda a parte, esboçando o perfil da nobreza castelhana em 1695, reservamos, bem entendido, as raras e veneraveis excepções.

Prosigamos.

Continuando a examinar essa monarchia e essa epocha, para baixo da nobreza assim dividida, e que poderia até certo ponto ser persomnificada nos dois homens que acabamos de nomear, vê-se agitar uma coisa grandiosa, sombria e desconhecida. É o povo. O povo que tem o futuro e não tem o presente; o povo orphão, pobre, intelligente e forte: collocado muito baixo e aspirando muito alto: tendo nas costas os signaes de servidão e no coração as premeditações do genio: o povo, criado dos fidalgos, e namorado, na sua miseria e na sua abjecção, da unica figura, que, no meio d'essa sociedade desabada, representa para elle, n'um divino irradiamento, a auctoridade, a caridade, a fecundidade. O povo, seria Ruy Blas.

Agora, acima d'esses tres homens que, considerados assim, fariam viver e andar, aos olhos do espectador tres factos, e n'esses tres factos, toda a monarchia hespanhola no seculo XVII: acima d'esses tres homens, diziamos, ha uma pura e luminosa creatura, uma mulher, uma rainha. Infeliz como mulher, porque é como se não tivesse marido; infeliz como rainha, porque é como se não tivesse rei: debruçada para aquelles que estão abaixo d'ella, por piedade real e por instincto de mulher tambem talvez, e olhando para baixo emquanto Ruy Blas, o povo, olha para cima.

Aos olhos do auctor e sem prejuizo do que os personagens accessorios podem trazer para a verdade do conjuncto, estas quatro cabeças, assim agrupadas, resumiriam as principaes phases que offerecia ao olhar do philosopho historiador a monarchia hespanhola de ha 140 annos. A essas quatro cabeças poder-se-hia juntar uma quinta, a do rei Carlos II. Mas na historia como no drama, Carlos II de Hespanha não é uma figura, é uma sombra.

Agora, apressemo-nos em dizel-o, o que acaba de se ler não é a explicação do *Ruy Blas*. É simplesmente um dos seus aspectos. É a impressão particular que poderia deixar este drama, se valesse a pena ser estudado, ao espirito grave e consciencioso que o examinar, por exemplo, sob o ponto de vista da philosophia da historia.

Mas, por pouco que elle seja, este drama, como todas as coisas d'este mundo, tem muitos outros aspectos, e pode ser encarado de muitas outras maneiras. Podem-se tomar muitas vistas de uma idéa como de uma montanha. Isso depende do lugar que se escolhe. Consintam-nos, apenas para tornar clara a nossa idéa, uma comparação infinitamente muito ambiciosa: o monte Branco, visto da Croix-de-Flechères, não se parece com o monte Branco visto de Sallenches. E não obstante é o mesmo monte Branco.

Do mesmo modo, passando de uma grandissima coisa a uma coisa pequenissima, este drama, de que acabamos de indicar a significação historica, offereceria outro aspecto se o considerassemos de um ponto de vista muito mais elevado ainda, do ponto de vista puramente humano. Então D. Sallustio seria o egoismo absoluto: D. Cesar, seu contrario, seria o desinteresse e a despreoccupação: vêr-se-hia em Ruy Blas o genio e a paixão comprimidos pela sociedade; elevando-se tanto mais alto, quanto a compressão é mais violenta: a rainha finalmente, seria a virtude minada pelo aborrecimento.

Sob o ponto de vista unicamente litterario, o aspecto mudaria ainda. As tres fórmas soberanas da arte poderiam ahi apparecer persomnificadas e resumidas. D. Sallustio seria o drama, D. Cesar a comedia, Ruy Blas a tragedia. O drama ata a acção, a comedia embaraça-a, a tragedia corta-a.

Todos estes aspectos são justos e verdadeiros, mas nenhum d'elles é completo. A verdade absoluta só está no conjuncto da obra. Que cada qual encontre n'ella o que procura, e o poeta terá alcançado o seu fim. O assumpto philosophico do *Ruy Blas* é o povo aspirando ás regiões elevadas: o assumpto humano, é um homem que ama uma mulher, o assumpto dramatico é um lacaio que ama uma rainha. A multidão que se acotovela todas as noites deante d'esta obra, porque em França a attenção publica nunca abandonou as tentativas do espirito, sejam ellas quaes forem, a multidão, diziamos, não vê no *Ruy Blas* senão este ultimo assumpto, o assumpto dramatico, o lacaio: e tem rasão.

E o que acabamos de dizer do *Ruy Blas* parece-nos evidente de qualquer outra obra. As obras veneraveis dos mestres tem mesmo de notavel o offerecerem mais faces a estudar que as outras. Tartufo faz rir uns e tremer outros. Tartufo é a serpente domestica, ou é o hypocrita: ou é a hypocrisia. Tão depressa é um homem, tão depressa uma idéa.

Othello, para uns é um negro que ama uma branca: para outros é um *parvenue* que desposa uma patricia: para estes é um ciumento, para aquelles é o ciume. E esta diversidade de aspecto não tira nada á unidade fundamental da composição. Já o dissemos n'outra parte: — mil ramos e um tronco unico.

Se o auctor d'este livro tem particularmente insistido na significação historica de *Ruy Blas*, é que, na sua idéa, pela significação historica, e é verdade, pela significação historica unicamente, *Ruy-Blas* prende-se ao *Hernani*. O grande facto da nobreza mostra-se no *Hernani* como no *Ruy Blas*, ao lado do grande facto da realeza. Sómente no *Hernani*, como a realeza absoluta não está feita, a nobreza lucta ainda contra o rei, aqui com o orgulho, alli com a espada: semi-feudal, semi-rebelde. Em 1519 o fidalgo vive longe da côrte, na montanha, bandido, como Hernani, ou patriarcha como Ruy Gomez. Duzentos annos mais tarde é o contrario. Os vassallos tornaram-se cortezãos. E se o fidalgo sente ainda a necessidade de occultar o seu nome, não é para escapar ao rei é para escapar aos credores. Não se faz bandido, faz-se bohemio. Sente-se que a realeza absoluta passou durante longos annos sobre essas nobres cabeças, curvando uma, despedaçando outra.

E depois, que nos consintam estas ultimas palavras, entre *Hernani* e *Ruy Blas* estão enquadrados dois seculos da Hespanha: dois grandes seculos, durante os quaes foi dado á descendencia de Carlos V dominar o mundo, e dois seculos que a Providencia, coisa curiosa, não quiz augmentar de uma hora, pois Carlos V nasce em 1500 e Carlos II morre em 1700. Em 1700, Luiz XIV herdava de Carlos V como em 1800 Napoleão herdava de Luiz XIV. Estas grandes apparições de dynastias que illuminam por momentos a historia, são para o auctor um bello e melancholico espectaculo, em que os seus olhos se fixam a miudo. Ás vezes tenta transportar alguma coisa d'esse espectaculo para as suas obras. Por isso, quiz encher *Hernani* do irradiamento de uma aurora, e cobrir *Ruy Blas* com os tons de um crepusculo. No *Hernani* o sol da casa d'Austria ergue-se; no *Ruy Blas* some-se.

Paris, 25 de novembro de 1838.

VICTOR HUGO.

A SAGRAÇÃO DA MULHER

(VICTOR HUGO)

Fragmento

Eva mostrava ao ceu sua nudez sagrada;
Loura, admirava a irmã, a aurora côr de rosa.
Ó carne da mulher! argila ideal, formosa!
Santa penetração do espirito sublime
Que o omnipotente sêr ao barro tosco imprime,
Materia onde a alma brilha atravez do sudario,
Lama que indica a mão do grande estatuario!
Lodo augusto que attrahe o beijo e o coração,
Tão santo que se ignora, é tal do amor a acção,
Por cingir este lodo a alma tanto anceia,
Se esta sensualidade acaso é uma idéa,
E se se póde, quando a paixão está accesa,
Sem crer que a Deus se abraça, abraçar a belleza.

Eva deixava errar seus olhos scintillantes.

E sob as colossaes palmeiras verdejantes,
Por sobre a fronte d'Eva e em torno dir-se-ia,
Que o cravo meditava, o lóto reflectia,
Se lembrava o myosote; as rosas tendo-a perto,
Procuravam-lhe os pés com o labio meio aberto.
Do roseo lyrio vinha um halito fraterno,
Como se fosse ao lyrio egual este anjo terno,
Como se, cada flôr tendo uma alma qualquer,
Desabrochasse a mais esplendida em mulher!

Té este dia, pois, Adão era o escolhido
Que no sagrado ceu primeiro tinha lido,
Era o esposo tranquillo e forte a quem a treva,
E os astros e a alvorada, a cuja luz viu Eva,
E as flôres do barranco e do bosque o animal
Veneravam como um irmão mais velho e ideal,
Como a fronte onde a luz mais alto fulgurava.
E quando um pela mão do outro divagava
Pela clara amplidão do Eden singular,
A natureza, sob o seu multiplo olhar,
Abrigava atravez da planta, do rochedo,
Da onda, amando o par, feliz desde tão cedo,
E o homem sêr completo e augusto respeitando,
Eva que olhava, Adão que estava contemplando.

N'esse dia, porém, os olhos que o infinito
Abre aos milhares sob o azul do ceu bemdito,
Fixavam-se na terna esposa e não no esposo,
Como se n'este dia alegre e religioso,
Entre os dias bemdito, e puro entre as auroras,
Ás aves, chilreando entre as folhas sonoras,
Á nuvem, ao regato, aos enxames variados,
Ao seixo, ao animal, a sêres tão sagrados,
Muitissimos dos quaes nos tempos já se somem,
Se mostrasse a mulher mais augusta que o homem!

Porque era esta eleição e este enternecimento
Enorme do profundo e santo firmamento?
Porque estava inclinado o infinito sobre um sêr?
A aurora porque dava uma festa á mulher?
Porque era esta harmonia? Estas palpitações,
Porque tinham mais goso e mais irradiações?
Porque era esta embriaguez de ver a luz do dia?
Porque era o antro feliz quando á aurora se abria?
Porque tinha mais luz e aromas o universo?

O bello par ingenuo em sonho estava immerso.

E a ternura entretanto, inexprimivel, suave,
Do astro, do lago azul, do val, do musgo, da ave,
Estremecia mais em torno d'Eva, a qual
Saudava embriagada a luz universal;
O mysterioso olhar da natureza em festa,
Da arvore, da onda e da virgem floresta,
Mais pensativo então, fitava d'hora em hora,
Esta mulher, de face augusta e encantadora;
Longo raio d'amor lhe vinha do infinito,
Das aves a gorgear, da flôr, do azul bemdito,
Das rochas colossaes, das vibrações do mar.

Pallida, Eva sentiu o ventre a palpitar.

JAYME VICTOR.

A FORMAÇÃO DO PROGRESSO

(VICTOR HUGO)

Fragmento

.. .. Porém, o infinito que vê
O sitio onde remata a causa, e que não é
Senão uma elevada e lucida consciencia
Feita de immensidade e paz e paciencia,
Deixa, sabendo os fins e os meios que convem,
Muitas vezes o mal fazer-se com o bem.
Tal é a ordem profunda, obscura, mansa, altiva,
Que até no desmentido encontra a affirmativa.
Assim de Marco Aurelio o filho é um bandido
Foi assim que, hediondo, ante o homem surprehendido,
Com a permissão do ceu e com o Christo augusto,
Com a lei d'este santo e a morte d'este justo,
Com estes paternaes conselhos tão suaves;
— Dá pão a quem tem fome, os outros não aggraves
Nem faças o que não quizeres que te façam —
Com esta lei na qual vida e perdão se enlaçam
Com dogmas taes, com tão santissimas idéas,
Loyolla fabricou suas sombrias teias —
— Negra aranha a quem Deus dava para tecel-as
Os fios da alvorada e os raios das estrellas! —

JAYME VICTOR.

CASAMENTO DE QUASIMODO

(Notre-Dame de Paris)

Dissemos que Quasimodo tinha desapparecido de Notre-Dame no dia da morte da Egypcia e do arcediago. Com effeito, nunca mais o viram, nem se soube o que d'elle era feito.

Na noite seguinte ao supplicio da Esmeralda, os executores de baixa justiça tiraram-lhe o corpo da forca e, segundo o costume, levaram-n'o para o subterraneo de Montfaucon.

Montfaucon era, como diz Sauval «a mais antiga e soberba forca do reino». Entre os arrabaldes do Temple e de Saint-Martin, a cerca de cento e sessenta toezas das muralhas de Paris, a alguns tiros de bésta da Courtille, via-se no alto de uma eminencia suave, insensivel, bastante elevada que se avistasse de algumas leguas em redor, um edificio de forma estranha, que parecia um cromlech celtico, e onde tambem se faziam sacrificios humanos.

Imaginem, no cimo de um combro de barro, um grosso parallelipipede d'alvenaria, com quinze pés de altura, trinta de largura, quarenta de comprimento, com uma porta, uma balaustrada exterior e uma plataforma; sobre essa plataforma dezeseis enormes pilares de pedra bruta, perfilados, com trinta pés de altura, dispostos em columnata em roda de tres dos quatro lados do massiço que os supporta, ligados entre si, por cima, por fortes vigas d'onde pendem cadeias de ferro de intervallo a intervallo; em todas essas cadeias, esqueletos; nos arredores, na planicie, uma cruz de pedra e duas forcas de segunda ordem, que parecem crescer de estaca em volta da forca central; por cima de tudo isso, no ceu, uma revoada perpetua de corvos; ahi está Montfaucon.

No fim do seculo xv, a formidavel forca, que datava de 1328, estava já muito decrepita; as vigas estavam carunchosas, as cadeias ferrujentas, os pilares verdes de bolor; o lagedo estava todo fendido nas juncturas, e a herva crescia n'aquella plataforma, onde os pés não pousavam. Era um horrivel perfil recortado no ceu, o d'esse monumento; á noite sobretudo, quando batia um ligeiro luar sobre os craneos brancos, ou quando o vento agreste agitava cadeias e esqueletos, e remexia tudo aquillo na sombra. Bastava aquella forca alli levantada para tornar sinistras todas as cercanias.

O massiço de pedra que servia de base ao odioso edificio era occo. Havia lá um vasto subterraneo, fechado com uma velha grade de ferro desmantelada, onde se lançavam não sómente os restos humanos que se desatavam das cadeias de Montfaucon, mas ainda os corpos de todos os desgraçados executados nas outras forcas permanentes de Paris. N'esse profundo jazigo, onde tantas poeiras humanas e tantos crimes apodreceram juntos, foram successivamente depositados os ossos de muitos innocentes, desde Enguerrand de Marigni, que estreou Montfaucon, e era um justo, até ao almirante de Coligni, o ultimo lá enforcado, e que era um justo.

Quanto á mysteriosa desapparição de Quasimodo, eis tudo o que conseguimos descobrir.

Cerca de dois annos ou dezoito mezes depois dos acontecimentos que terminam esta historia, quando foram buscar ao subterraneo de Montfaucon o cadaver de Olivier Le Daim, que havia sido enforcado dois dias antes, e a quem Carlos VIII concedia a graça de ser enterrado em Saint-Laurent em melhor companhia, acharam entre todas as hediondas ossadas dois esqueletos, um dos quaes tinha o outro singularmente abraçado. Um d'esses dois esqueletos, que era de mulher, conservava ainda alguns farrapos de vestido, de um estofo que fôra branco, e via-se-lhe á roda do pescoço um collar de contas com um saquinho de seda ornado de missanga verde, que estava aberto e vasio. Estes objectos tinham tão pouco valor que o carrasco, sem duvida, não os quizera. O outro, que se abraçava estreitamente a este, era um esqueleto de homem. Notou-se que tinha a columna vertebral torcida, a cabeça nas omoplatas, e uma perna mais curta do que a outra. Não tinha além d'isso nenhuma ruptura de vertebras na nuca, e evidentemente não fôra enforcado. O homem a quem havia pertencido tinha, pois, vindo ter alli, e lá morrera. Quando quizeram desligal-o do esqueleto que abraçava, cahiu desfeito em pó.

VICTOR HUGO.

HERNANI

EXCERPTOS DO 2.º ACTO

SCENA II

DONA SOL

O salteador sois vós; sinto um vivo rubor
tingir-me a face agora, e é só por vós, senhor.
Roubar uma mulher á noite! que façanha
para dar gloria e lustre ao monarcha da Hespanha!
Vale cem vezes mais o meu Hernani, ó rei,
se o nobre sangue azul de antiga e nobre grei
a nobres corações só fosse concedido,
elle seria rei, serieis vós bandido!

D. CARLOS

Mas senhora!...

DONA SOL

Esqueceis que eram condes meus paes?

D. CARLOS

Duqueza vos farei.

DONA SOL

Não vos envergonhaes?
Tenho nos meus brazões em nobreza orgulhosa
muita para concubina e pouca para esposa,

D. CARLOS

Elevo-te a princeza.

DONA SOL

Á filha de um villão
ide levar, senhor, o futil coração.
Eu repillo indignada esse tom, que me infama,
com o pudor da mulher e o pundonor da dama.

D. CARLOS

Dou-te com o meu amor o throno, a corôa e a mão.
Vem que serás rainha, imperatriz.

DONA SOL

Não! não!
Mentira! e que o não fosse! hei-de-o dizer, alteza,
inda que vos offenda esta rude franqueza:
Antes quero viver com elle, com o meu rei,
tendo por inimiga a sociedade e a lei,
curtindo fome e sede, eternos peregrinos,
enlaçando n'um só os nossos dois destinos,
de Hernani partilhar a miseria e o terror
do que o throno imperial do sacro imperador.

D. CARLOS

Ah! como elle é feliz!

DONA SOL

O que? pobre e proscripto!

D. CARLOS

Que importa, se possue esse amor infinito!
Eu estou só, elle tem um anjo do Senhor...
E odiais-me talvez?!...

DONA SOL

Mas não vos tenho amor.

D. CARLOS

Vou castigar emfim teu desdem insolente.
Hei-de arrastar-te e já, embora te violente.
Falla o sob'rano agora, e por Deus quero ver,
se não te has de curvar ao meu regio poder.

DONA SOL (caindo lhe aos pés)

Senhor por compaixão! oh! meu Deus, Vossa Alteza
é rei, pode escolher na côrte uma duqueza,
formosa a mais não ser, que anhele com ardor
poder lançar-lhe aos pés o seu radioso amor.
E o meu proscripto é só! Sou a unica estrella
no seu escuro céu; vós tendes a Castella,
e uma visão brilhante, a purpura imperial!
E querereis arrancar, vós rico e poderoso,
ao pobre, a luz do amor, a noiva, ao seu esposo!

D. CARLOS

Dou-te um dos reinos meus; vamos, escolhe, qual?

DONA SOL (erguendo-se e arrancando-lhe o punhal)

De tudo que me dás só quero este punhal.
Agora nem um passo!

D. CARLOS (recuando)

Olá! gentil senhora!
Bem se vê que é rebelde o amante que ella adora!

DONA SOL

Morro se um passo dais, mas não sem vos matar!
Hernani! Hernani! vem!

D. CARLOS

Não queres evitar
a violencia? pois bem! tres homens dedicados
do meu sequito vão suffocar esses brados.

HERNANI (apparecendo de subito)

E ainda esqueceis um!

SCENA III

HERNANI, D. SOL, D. CARLOS

HERNANI

Ah! podia-o jurar!
que inda mais longe o iria o meu punhal buscar.

DONA SOL (correndo a elle)

Salva-me Hernani!

HERNANI

Então! Socega, anjo adorado!

D. CARLOS

Que faz n'esta cidade o meu sequito armado,
Que assim deixa passar impune um salteador?
D. Sancho, Monteruz!

HERNANI (ironico)

Pedi-lhes por favor
que ficassem com os meus, gente um pouco violenta!
Chamais embora os tres, que eu chamarei sessenta,
valendo cada um por nós quatro; acho então
que é melhor derimir entre nós a questão.
Pois ousaveis tocar n'esta pura donzella?
Era imprudente e vil, senhor rei de Castella
e covarde tambem!

D. CARLOS

Dão lições de moral
os bandidos agora?

HERNANI

Insultais? fazeis mal
porque, se um rei me insulta e aviltar-me procura,
a ira que me invade ergue-me á sua altura.
E costuma temer quem me ousa affrontar,
mais que a sanha de um rei, a chamma d'este olhar!
Se tens alguma esperança é louca e enganadora.
Sabes quem te subjuga e te domina agora?
Teu pai matou o meu ás mãos de um vil sayão.
Odeio-te! Roubaste os meus bens, meu brazão.
Odeio-te! E inda vens com amor de precito
requestar quem eu amo? Odeio-te, maldito!

D. CARLOS

Estimo.

HERNANI

Hoje porém nem pensava em rancor.
Tinha só um desejo, um intento, um ardor!
ver, amar Dona Sol! Corria apressurado
e encontro-te a intentar um crime negregado.
Vens tu mesmo encontrar-me, e eu nem pensava em ti!
Rematada loucura! Agora estás aqui,
perdido, preso, só de inimigos no meio!
Que has-de fazer, responde?

D. CARLOS

Interrogais-me, creio!

HERNANI

Vai-te immolar sem dó meu braço vingador.
Vamos, em guarda!

D. CARLOS

Não! sou teu rei, teu senhor!
Mata, em duello não!

HERNANI

Inda hontem se cruzavam
esse teu ferro e o meu.

D. CARLOS

Na sombra se occultavam
de ambos o nome e a classe. Hoje não é assim.
Não pódes desafiar-me, assassinar-me sim.

HERNANI

Tu julgarás que um rei é para mim sagrado.
Vá defendes-te, ou não?

D. CARLOS

Serei assassinado.
Por acaso pensais, bandidos vis, reveis,
que podeis affrontar impunemente as leis,
que, manchados de sangue e crimes odiosos,
ousareis afinal fazer de generosos,
e que nós, com o tinir das espadas leaes,
vos iremos honrar o ferro dos punhaes.
Não, não! o crime e a força eis os vossos destinos!
Dizeis-vos, campeões! mentis, sois assassinos.

HERNANI (quebrando a espada)

Vai-te! havemos de ter um encontro melhor,
vai-te, depressa e já.

D. CARLOS

Reparae bem, senhor
que vou entrar no paço, e tenho decidido
pôr o preço a cabeça altiva do bandido
que me ousou affrontar.

HERNANI

Já está

D. CARLOS

Como a traidor
vos persigo sem treguas em meus reinos.

HERNANI

Senhor
a França felizmente é bem perto da Hespanha,
tenho a Europa!

D. CARLOS

E eu vou ter o imperio da Allemanha
e a Europa dominar.

HERNANI

Embora! vaguearei
pelo resto da terra, affrontando a tua lei.
Do mundo a vastidão refugios me assegura.

D. CARLOS

E se o mundo eu tiver?

HERNANI

Terei a sepultura.

D. CARLOS

Que orgulho! que altivez! Que modos de dizer!
Faz rir o salteador!

HERNANI

Estás inda em meu poder!
Vê bem, Cesar futuro, imperador provavel
que estás fechado aqui, mesquinho e miseravel,
e que, se acaso aperto esta mão bem leal,
posso esmagar-te no ovo a aguia imperial.

D. CARLOS

Esmaga!

HERNANI (pondo-lhe a sua capa aos hombros)

Vai-te, e leva este manto. Podia,
se te visse, um dos meus punir-te a tyrannia.

D. CARLOS

Hoje falais-me assim. Em propicia occasião
escusaes de invocar misericordia ou perdão.

IV ACTO

O MONOLOGO DE CARLOS V

Carlos Magno, perdão! Na solitaria crypta
só grave e austera voz póde fazer-se ouvir.
Das nossas ambições a tormenta maldita
vem perturbar talvez teu sereno dormir.
—Ah! como é bello vêr da Europa o immenso mappa
como elle o desenhou com a sua forte mão!
Sobranceiros aos reis o imperador e o papa
devendo ao voto a thiara e o diadema á eleição.
Reinos, ducados, tudo é sempre hereditario,
no sangue se transmitte a nobreza feudal;
mas sáe do povo um papa, e occupa o sanctuario,
um eleito é que ascende ao throno imperial.
D'aqui sáe o equilibrio, a lei que rege a historia.
Eleitôres do Imperio, altivos cardeaes,
vestidos de oiro e purp'ra, inchados de vangloria,
cumpris, sem o saber, designios immortaes.
Nasce uma idéa um dia, e germina e floresce,
humanar-se consegue em mil encarnações,
abre caminho, vae, surge, desapparece,
amordaçam-n'a os reis, dão-lhe escarneo e baldões...
a escrava entra porém na dieta orgulhosa,
no conclave sagrado, e os reis curvos ao chão,
vêem surgir emfim a idéa victoriosa,
de thiara na fronte, ou com o globo na mão.
O papa e o imperador são tudo. Sobre a terra
imperam triumphaes, dictando ao mundo as leis.
E o ceu, que n'elles dois fundos mysterios encerra,
dá-lhes amplo festim de povos e de reis.
Por baixo tumultua uma vasta hierarchia,
mas ao mando supremo elles dois só teem jus.
Um desliga, outro corta, e por sabia harmonia,
um tem a força e a espada, outro a verdade e a cruz.
Por isso, quando os vê sair do sanctuario,
o povo deslumbrado exclama com terror:
«Ou purpura trajando, ou o branco sudario,
são metades de Deus, papa e imperador!»
Imperador! se o sou! mas se o não sou! Inferno!
sentindo a mente a arder na altiva aspiração!
Feliz esse que dorme aqui o somno eterno!...
Ah! no seu tempo sim! Era-se grande então!
Oh! que destino o seu!... mas uma campa o encerra!
O que! tão pouco vale um imperador e um rei!
Co'a magestade augusta assoberbar a terra!
Ter sido o gladio, o sceptro, a sob'rania, a lei!
Por pedestal ter tido a Germania fremente!
A historia, ó Alexandre, equiparal-o a ti!...
Chamar-se Carlos Magno, o Cesar do Occidente!
Grande como o universo!... e caber tudo aqui!...
Ah! cubiçae o imperio! a vasta monarchia!
Domine a immensa mole a vossa estatua só!
E vinde vêr depois na cathedral sombria
quanto dá um monarcha em atomos de pó!...

Mas que importa! Sonhei subir a enorme altura,
vêr por baixo de mim, em confusa espiral,
o congresso dos reis, a sacra prelatura,
doges, condes, barões, o mundo imperial,
soldados, clerezia, ao fundo a turba immensa
dos homens em tropel, vasto e revolto mar,
d'onde ouvimos sair, por entre a sombra densa,
prantos, um riso amargo, um longo soluçar;
mar, espelho de reis, que só verdade estampa!
vaga irrequieta logo ao mais leve bulir!
onda que esmaga um throno e que embala uma campa
que tem da pomba o arrulho e do tigre o bramir!
Se a vista perscrutasse o torvo abysmo ingente,
veria imperios mil, naufragados baixeis,
que a onda popular rola continuamente,
do fluxo e do refluxo obedecendo ás leis.
Em tudo isto imperar! O abysmo infunde medo!
desatar do governo o complicado nó!
De ser grande no mundo o magico segredo
quem m'o saberá dar?

Ajoelha deante do tumulo

Carlos Magno, tu só!
Ah! se Deus poz aqui a minha magestade
face a face com a tua, augusto imperador,
ensina-me de tudo a intima verdade
solta da tua campa o verbo inspirador!

Que deixaste de grande a fazer na Allemanha?
Falla, sombra cesarea, espectro imperial,
embora o bafejar da tua voz estranha
me espedace na fronte a porta sepulchral!
Ou deixa que eu estude, em teu somno profundo,
o cerebro que encheu tua immortal razão.

O teu nada é o que ha mais grandioso no mundo;
na cinza, em vez da sombra, encontro a inspiração.

Approxima a chave da fechadura... Recuando

Ceus se o vou encontrar na funebre jazida
livido a passeiar com passos espectraes!
Se vou sair d'alli com a fronte encanecida!

Rumor de passos

Oiço passos! Quem é? Quem ousa a horas taes
tal morto perturbar?

O rumor approxima-se

Ah! os meus assassinos!

Traducção de PINHEIRO CHAGAS.

A ABOLIÇÃO DA PENA DE MORTE EM PORTUGAL

Uma carta autographa de Victor Hugo

Dos escriptores portuguezes, ao que nos consta, o que recebeu, e possue, maior numero de cartas autographas, algumas extensas, do egregio escriptor e poeta da França, Victor Hugo, gloria do seculo XIX, é o nosso collaborador e amigo, sr. Brito Aranha.

Recorremos a elle, para que nos confiasse um d'esses preciosos autographos, com o intuito de o deixarmos reproduzido nas paginas do OCCIDENTE, como um novo preito da nossa homenagem ao immortal auctor dos *Miseraveis*. Tivemos em nossa mão todas as cartas endereçadas ao nosso collega, e, de entre ellas, poderiamos escolher alguma inteiramente inedita; mas, por ser em extremo lisongeira para o possuidor, não julgou elle dever conceder-nos a auctorisação pedida, para que alguem não inferisse que obedecia a um sentimento de pueril vaidade.

Assim, em obediencia ao preceito do nosso collega, a escolha recaiu na carta, sobejamente conhecida e divulgada, que tem o merito de referir-se a um assumpto, em que Portugal abriu maior vereda nas conquistas da liberdade e da civilisação, adeantando-se ás nações mais cultas da Europa — a abolição da pena de morte!

É a resposta, que Victor Hugo deu ao sr. Brito Aranha, quando este lhe communicou eloquentemente, em 27 de junho de 1867, que o parlamento portuguez votára emfim a abolição da pena de morte, um dos artigos da grandiosa propaganda a que se dedicára o egregio poeta.

Tanto a carta, como a resposta, datada de Hauteville-House a 15 de julho do mesmo anno, foram seguidamente publicadas em differentes jornaes belgas, francezes, italianos, americanos (do sul e norte), e na maior parte das folhas portuguezas. A publicidade, em milhares e milhares de exemplares, e em varios idiomas, correspondeu, em o nosso entender, á importancia e grandeza do facto, e foi decerto summamente honroso para a nação.

Eis a razão por que, de accordo com o possuidor, preferimos esta carta a qualquer outra, que, posto não encerre segredo de nenhuma especie, pois todas são de caracter litterario, offendia a modestia do nosso amigo e collega.

A versão da que reproduzimos é a seguinte:

(Ao sr. Pedro de Brito Aranha).

Hauteville-House, 15 de julho.

A vossa nobre carta fez-me pulsar o coração.

Sabia a grande noticia; mas foi-me agradavel recebel-a de vós como um ecco sympathico.

Não existem nações pequenas. Mas, sem duvida, pequenos homens! E ás vezes são estes os que dirigem e guiam os grandes povos.

Os povos, que tem despotas, assimelham-se aos livros que tem fechos.

Amo e glorifico o vosso bello e querido Portugal. É livre; é, pois, grande.

Portugal aboliu a pena de morte. Consumar esse progresso, é dar um grande passo na civilisação.

De hoje em deante, Portugal está á frente da Europa.

Vós, portuguezes, não deixastes de ser navegadores intrepidos. Fostes na vanguarda, outr'ora no Oceano, agora na verdade. Proclamar principios, ainda é mais bello que descobrir mundos.

Grito: Gloria a Portugal; e a vós: Felicidade!

Aperto a vossa cordeal mão.

Victor Hugo.

A TOURGUE

O viajante que ha quarenta annos, entrando na floresta de Fougères, pelo lado de Laignelet, saísse pelo lado de Parigné, tinha no limite d'esse profundo bosque, um encontro sinistro.

Ao sair da balsa achava bruscamente deante de si a Tourgue.

Não a Tourgue viva, mas a Tourgue morta. A Tourgue, enlameada, acutilada, desmoronada, desmantelada. A ruina é ao edificio, o que o phantasma é ao homem. Não ha mais lugubre visão que a Tourgue. O que se via defronte dos olhos era uma enorme torre redonda, sombria ao canto da floresta como um malfeitor. Essa torre, direita sobre um pedaço de rochedo a pique, tinha quasi o aspecto romano, tão correcta e solida era, tanto n'essa massa robusta a idéa da dominação se juntava á idéa da queda. E romana, juram que o era: começada no seculo IX, fôra acabada no seculo XII depois da terceira cruzada. O feitio das suas aberturas dizia a sua idade.

Chegava-se-lhe ao pé, galgava-se a rocha escarpada, avistava-se uma brecha, arriscava-se a entrar, e estava-se dentro — era vasia. Parecia o interior de um clarim de pedra posto de pé sobre o solo. De alto a baixo nenhum diaphragma: nem tecto, nem sobrado, pedaços de abobada e de chaminés, nichos de canhões pequenos: em alturas diversas, laços de arpeus de granel, e alguns barrotes transversaes, marcando os andares: sobre as traves, excrementos das aves nocturnas, a muralha collossal, quinze pés de espessura na base, e doze no cume: aqui e alli, fundas buracas, que tinham sido portas por onde se entreviam escadas no interior tenebroso da parede.

O viajante que penetrasse alli, á noite, ouvia gritar as corujas, os mochos, os sapos voadores, e via sobre os pés, raizes, pedras, reptis, e sobre a cabeça, atravez uma cousa redonda e negra, que era o alto da torre e que parecia a bocca de um poço enorme, as estrellas.

Era da tradicção do paiz, que nos andares superiores d'essa torre havia portas secretas, feitas, como as portas dos tumulos dos reis de Judá, de uma grossa pedra, girando sobre um gonzo, abrindo-se, fechando-se e escondendo-se na parede; moda architectoral vinda dos Cruzados com a ogiva. Quando essas portas estavam fechadas, era impossivel differençal-as, tanto ellas se confundiam com as outras pedras da muralha.

Veem-se ainda hoje d'essas portas nas mysteriosas cidades do Anti-Libano, que escaparam ao terramoto das doze cidades, no tempo de Tiberio.

(Do *Noventa e Tres*) VICTOR HUGO.

ramos praticar, nos é que nos devemos penitenciar com grossas descomposturas, dizer mal da nossa vida, e sobretudo... dos nossos compatriotas!

Foi um desastre aquillo!...

Voltemos, ou, mais propriamente, falemos emfim da Exposição.

Apercebi já o velho sestro ensaiando as suas correcções e reservas.

Não tarda que se desboque.

— No fim de contas, diz elle gravemente, convem que nos entendamos.

Não foi bem a Sociedade de Geographia que fez a Exposição: foi o governo.

E que esta estimavel abstracção se não desvaneça tambem, que, bem apuradas as coisas, quem fez a Exposição foi o sr. Pinheiro Chagas.

Mas é indispensavel attender a que o illustre ministro nada faria se não fosse o banco Ultramarino.

Será bom, em todo o caso, que este considere que sem o sr. Chamiço...

O qual havia de ver-se muito embaraçado, se não fosse o sr. Antonio de Castilho.

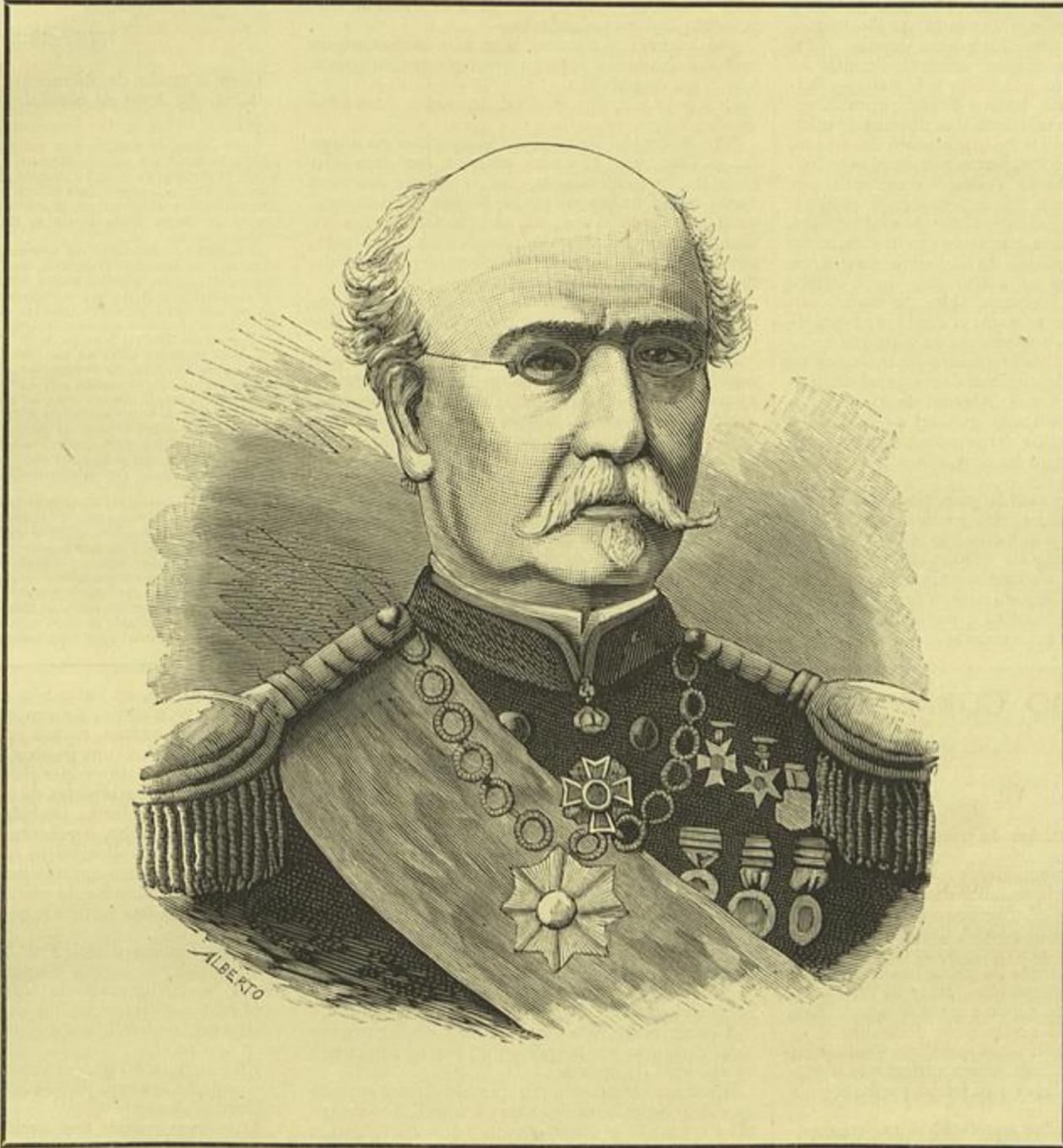
Que este, tambem, se a commissão o não tem nomeado, estava prompto: — não faria coisa alguma.

Teria graça, comtudo, a tal commissão, se não se lembrasse, — como *agora* se lembra perfeitamente o *indigena*, — de que quem lhe valeu foi o Jeronymo da Silva.

O qual, se não lhe põem á mão o Martinho da Silva..

E este mesmo...

Interminavel, esta serie dos *mas,* dos *quês,* dos *comtudo,* quando a questão é attenuar o louvor, regatear a justiça, amesquinhar o exito.

Ora a verdade é simplesmente que o exito se deve a todas estas entidades; é somma, e não parcella de todas estas forças, de todas estas vontades, de todas estas cabeças, de muitas ainda de que se fala pouco, ou de que não se fala até, — por exemplo, dos que reuniram productos; dos que os offereceram; dos que os expozeram; do Ferreira do Amaral, que preparara para a Sociedade de Geographia uma verdadeira exposição e que a reunia em Loanda, antes de saber que iriamos a Antuerpia; dos governadores de Cabo Verde, da Guiné, de S. Thomé, das respectivas commissões provinciaes e locaes; do meu velho amigo o sr. Rodrigo Affonso Pequito, — d'este, por exemplo, ninguem falou ainda, — que durante uns poucos de mezes abancava todas as noites n'um pequeno gabinete da Sociedade, a verificar as facturas e as listas de productos, a dispor e prevenir todas estas pequenas coisas cuja somma é que faz as exposições...

Porque, emfim, as exposições não se fazem apenas com dinheiro, com palavras, com bellos officios trocados.

Finalmente, de uns poucos de empregados modestos, anonymos, — pouquissimos por signal, — que trabalharam a valer, noite e dia, na alfandega, na Sociedade, onde era necessario...

Foram todos esses, — cada qual como poude, e todos com muita vontade, com uma grande dedicação, cheia de emulações generosas, que fizeram a Exposição, que prepararam *o exito,* não para o guardar para si, não para se desvanecerem com elle, mas para o offerecer ao paiz, se fosse digno, brilhante, glorioso.

Que se o não fosse...

O caso foi previsto.

É claro que se a tentativa gorasse, se a empreza, apesar de todos os esforços e de todos os sacrificios, fosse um mallogro, se a Exposição fosse insignificante e o resultado passasse desapercebido ou fosse desastrado... a Exposição seria apenas... um atrevimento inutil da Sociedade de Geographia de Lisboa. Ninguem havia de disputar-lh'a.

Não faltaria quem lh'a levasse a mal.

Mas foi a propria Sociedade que acautelou o caso; foi ella que previamente tratou de resalvar o paiz, da hypothese de um mallogro inconveniente ou de um resultado perigoso.

Vejamos como isto se fez.

(Continua) *Luciano Cordeiro.*

GENERAL FORTUNATO JOSÉ BARREIROS, EX-COMMANDANTE DA ESCOLA DO EXERCITO — FALLECIDO A 16 DE AGOSTO DE 1885
(Segundo uma photographia do Club Photographico Lisbonense)

AS NOSSAS GRAVURAS

O GENERAL FORTUNATO JOSÉ BARREIROS

Nasceu este illustrado general na cidade de Elvas no dia 26 de março de 1797, sendo filho de outro general do mesmo nome, que era commandante de artilheria na praça d'Almeida, quando se deu a terrivel explosão que obrigou esta praça a

render-se aos francezes em 1810. Assentou praça de cadete com 15 annos de idade a 22 de maio de 1812. Frequentando a antiga Academia de Fortificação, foi promovido a alferes em 1819, a tenente em março de 1820, e em dezembro d'esse mesmo anno a capitão, para a arma de artilheria.

A rapidez com que ascendera a estes postos foi depois attenuada com a demora da sua promoção a major o que só se verificou em 1834. Havendo sido fiel ao governo legitimo de D. Pedro IV e de D. Maria II fez a campanha de 1828 a 1833, assistindo a grande numero das acções que então se feriram, tomando parte muito activa em muitos trabalhos de fortificação e defeza.

Em 1838 foi promovido a tenente coronel, sendo coronel foi em 1851 promovido a brigadeiro e nomeado governador geral da provincia de Cabo Verde, onde deu provas da sua muita illustração.

Regressado ao reino, foi pouco depois (1855) escolhido para uma viagem scientifico-militar no estrangeiro, devendo percorrer a Inglaterra, Belgica, Prussia, Austria, Italia e França, afim de estudar e tomar conhecimento dos ultimos aperfeiçoamentos introduzidos no armamento das tropas, recebendo para esse fim, umas instrucções redigidas pelo monarcha D. Pedro V e escriptas por seu proprio punho em um caderno de 98 paginas.

Da sua viagem que durou cêrca de vinte mezes, escreveu seis relatorios, que estão sepultados, como muitos outros no archivo do ministerio da guerra, sendo extranho que se extraviasse um d'elles e algumas estampas. Exerceu, além de muitas outras commissões de serviço, o cargo de lente da escola do exercito, e ultimamente o de seu commandante, depois do fallecimento do marquez de Sá da Bandeira, o de commandante geral da artilheria e o de inspector do Arsenal do exercito.

Em 1861 foi classificado general de brigada e promovido a general de divisão em 1866, tendo-se reformado n'este posto ha dois annos pouco mais ou menos.

O general durante esse largo periodo de serviço de 71 annos, recebeu varias condecorações devidas ao seu merito e foi elevado ao pariato por C. R. de 8 de janeiro de 1880, tomando posse a 23 do mesmo mez, e só retirou da vida activa do exercito, quando conheceu que as forças physicas começavam a abandonal-o, e padecimentos attenuados entravam a exacerbar-se.

Deixa o general algumas obras impressas em volume, ou publicadas em varios periodicos, cujos titulos se podem vêr no *Diccionario Bibliographico portuguez*, tom. II e IX, bem como algumas outras noticias curiosas.

Falleceu a 16 de agosto ultimo com mais de 88 annos de idade.

UM «SOVA» DO CACONGO

O *sova*, em Africa, é uma auctoridade que corresponde á de governador civil ou administrador de concelho cá da metropole, com muito mais poderes e muito mais independencia que aquellas, a ponto de muitas vezes se revoltarem contra o seu soberano, fazendo *guerras* em que ha muita gritaria e muitos feitiços, mas que raramente se dispara um tiro ou uma flecha.

São guerras platonicas, que não avolumam os registos obituarios nem enriquecem as fabricas de armas ou de polvora.

Uns pobres diabos no fim de contas estes africanos.

Não podemos especialisar qual seja o *sova* que faz o assumpto da nossa gravura, mas isso não prejudica o personagem, que de resto é um *sova* como todos os *sovas*, isto é, dispõe dos seus governados como coisa sua, faz *fundações* com os brancos, ou tratados de vassallagem e amisade, sem para isso consultar o soberano, porque no fim elle é tão soberano como o seu rei.

O que ha porém de mais curioso n'estes personagens, é em geral o vestuario, com que se destinguem dos seus conterraneos.

Quanto mais vestido mais importante, no que parece terem algumas noções do que se pratica cá pela metropole, em que o *habito faz o monge*, e em que se aprecia, muitas vezes, mais o individuo pelo seu vestuario do que pelas suas qualidades de espirito.

O *sova* veste-se pois para os actos solemnes, com quantas vestimentas e adornos tenha. Não quer saber se essas vestimentas o encommodam por excessivamente pesadas, ou se são ridiculas por muito disparatadas, e assim encontramos *sovas* como o que representa a gravura, carregado de fato, e para cumulo de *elegancia*, coberto com um capote ou gavião agaluado, a guisa de manto real, com que elle muito se ufana e faz a inveja dos seus governados que apenas se permittem o luxo de uma tanga. Depois, aquella corda com suas borlas, pendente do pescoço como qualquer collar do tosão de ouro; o bastão, symbolo da auctoridade, e que já figurou nas mãos de algum guarda-portão, e por ultimo, um simples barrete que para elle tem grande significação, porque o distingue do seu povo todo descarapuçado.

Tudo isto constitue o *sova* que, se não é mais civilisado que os seus subditos, é pelo menos o mais esperto, e tanto lhe basta para dominar.

Soror Anna Maria do Amor Divino (1)

1774—1803

Com o titulo de *Memorias historicas do real convento de Jesus de Setubal*, fui topar nos archi-

(1) Já depois de escripto este artigo, encontrei na Torre do Tombo, andando em outras pesquisas, na Est. B — Prat. VIII — n.º 66. *O tratado da antiga e curiosa fundação do Convento de Jesus de Setubal*, escripto pela Madre Leonór de S. João, com a data de 1630, e a que servem de continuação as *Memorias Historicas* da Madre Anna Maria do Amor Divino, religiosa do mesmo mosteiro.

O tratado da fundação do Convento de Jesus de Setubal, é abundante de subsidios historicos, mas não tem o estylo lépido, nem os attractivos que dão realce ás *Memorias Historicas*, da sua continuadora. A copia que encontrei do *Tratado da fundação etc.* não tem frontespicio, mas em vez d'elle, e sob a rubrica de *Noticias previas*, a seguinte declaração anonyma:

«Por morte de Frei Damião de S. José, missionario apostolico de Brancannes achei na sua cella outra copia d'este livro, que fôra de Gregorio de Freitas, homem curioso d'esta villa de Setubal; a qual copia mandei entregar ás religiosas, por ter fundamento para julgar que sua era e sei andava furtada.»

«Mas antes da entrega tirei alguns apontamentos para minha lembrança, os quaes depois que alcancei meio de fazer tirar outra copia do mesmo livro conferi com ella, e vejo que alguma differença (ainda que pouca) ha nos dois exemplares e que eu vou aqui pôr, para que se não duvide da verdade da mesma copia.»

1.ª «Na que entreguei havia primeiro que tudo uma tarja illuminada, com as armas reaes de Portugal, e por baixo o distico seguinte: *Quod numeras, o liber etc.*, «e isto não havia no exemplar d'onde se tirou esta copia.»

2.ª «Logo depois da pagina e titulo do livro, seguia a repartição da obra, e depois é que vinham as licenças etc.»

O esmerilhador anonymo segue enumerando outras pequenas differenças que encontrou entre as duas copias e conclue:

«No exemplar d'onde se tirou esta minha copia, havia uma folha que nada continha mais que umas regras, que pareciam de

---

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 239)

VII

Resultados da traição

Fóra ouvia-se distinctamente o rufar marcial dos tambores e o toque incessante das cornetas.

Momentos depois distinguia-se optimamente o ruido ligeiro de muitos passos, desfilando de uma maneira cadenciada em rigoroso ordinario firme.

A abertura da entrada da gruta havia desapparecido em um momento por detraz de uma forte parede formada com terra e pedras soltas. Esta especie de barricada servia para difficultar o assalto e facilitar a defeza aos que estavam da parte de dentro e não tinham outras armas que manejar, alem das suas facas e dos seus punhaes ponteagudos.

A anciedade de todos aquelles homens era enorme.

Elles tinham-se agrupado á entrada da gruta, por detraz da especie de barricada que os defendia, e, de ouvido á escuta, apertando nas suas mãos trementes as suas facas e punhaes ponteagudos, dispunham-se a morrer alli todos, com a heroicidade do desespero, defendendo-se a si e aos seus, até o ultimo alento da vida.

Haviam, por medida de precaução, apagado a unica fogueira que illuminava a caverna, e assim, no escuro, dentro do seu covil, elles agitavam-se em ancias de uma grande afflicção, como vermes que a terra cria no seio recondito das suas podridões.

Entretanto, o homem do fato de pelles tinha desapparecido, conduzindo Ondina nos seus braços musculosos, com todo o ardor selvagem da sua paixão animal.

O audacioso bandido tentou pois a fuga a todo o transe, antes que a caverna fosse cercada pela tropa que marchava sobre ella.

Foi o que fez.

Os seus companheiros, que elle assim abandonava no momento do perigo, ficariam no entanto attrahindo a attenção dos que poderiam perseguil-o, e d'este modo sempre lhe seria licito, ao menos por alguns momentos, assegurar-se da posse absoluta da mulher que o atraiçoára.

Conhecedor de todas as passagens secretas d'aquellas sombrias e emmaranhadas galerias subterraneas, foi-lhe facilimo, valendo-se da consternação geral e sem que dessem pela sua falta, nem lhe advinhassem os designios, achar uma sahida para a planicie.

A noite estava frigidissima, a aragem era cortante e o nevoeiro espesso, espalhando se ao longo d'aquelles campos, como extenso veu de gaze sobre as faces pudicas de uma virgem toucada de flores, cujos perfumes suaves inebriam os espaços.

Com muita precipitação avançou, conduzindo aquelle precioso penhor, o qual não ousaria dizel-o, se acaso seria penhor de affectos, se penhor de vergonha.

Aquella noite sombria e triste, vellada pela neblina densa, ia ser o epilogo do drama sangrento da sua vida de crimes.

Apertava de quando em quando contra o peito oppresso aquella mulher que era sua, que estava alli inanimada e inteiramente á sua discripção, e exclamava comsigo loucamente de uma maneira desvairada e terrivel.

— Ah! és tu, Ondina, a minha ultima caçada. As tuas carnes são duras, o teu sangue ha de ser quente, os teus musculos hão de ser rijos Bella mulher! Tu que farias a inveja de um estatuario, tu que serias o idolo de todas as devassidões, pertences-me e eu heide ter o prazer enorme de te despedaçar como se fosses de lodo e barro. A natureza errou quando te fez. Tu és um monstro com a fórma de um anjo. Tens no olhar as seducções do diabo. Tens n'essas carnes toda a volupia do inferno. Maldita sejas, furia que me tentaste, vibora que eu deixei crescer, demonio que eu não soube vencer,

Dizendo isto com muitos gestos de indignação selvagem, cheio de maus instinctos carniceiros de ave de rapina, elle avançava sempre.

Mal enxergava o terreno que pisava, mas era o mesmo. Não hesitava nunca, e seguia sempre com a firmeza de uma grande resolução inabalavel.

A terra, humedecida pela cacimba e humidade da noite, abafava-lhe os passos, como se caminhasse sobre espesso tapete.

Nenhum perigo imaginario o acompanhava.

Os que o cercavam eram positivos e reaes, mas elle não os via, ou antes não os queria ver, voltava-lhes a face com a sobranceria do despreso.

A poucos passos, na sua rectaguarda, destacavam-se do escuro uns pontos luminosos, cujos reverberos assumiam proporções phantasticas.

Eram as armas brancas da força de infantes que vinha sobre a caverna. Do lado opposto, pela quebrada da montanha, o echo repercutia a distancia o tropel dos cavallos, cujos relinchos se espalhavam de quando em quando nos espaços, quebrando o silencio tumular da noite, e desafiando o latido longiquo das matilhas, nos solitarios apriscos da serra.

N'isto, Ondina voltou a si.

Vendo-se nos braços d'aquelle homem que ella temia, e encontrando-se fóra das humedecidas abobadas subterraneas, ao ar livre dos campos, não poude conter o seu espanto e ao mesmo tempo o seu receio.

Ella, depois do que se havia passado, bem suspeitava que enorme perigo corria nas mãos de similhante homem.

Conservava ainda nos ouvidos aquella grita furiosa dos selvagens da gruta, no momento em que se julgavam trahidos, e sabia por que preço se pagava entre os ciganos a traição.

Ella, desde que perdera os sentidos, não soube o mais que se passou.

Porque se encontrava alli nos braços do homem de fato de pelles?

Havia intercedido aquelle scelerado em seu favor?

Com que intenção abandou os campanheiros e no momento do perigo commum, para se expôr em plena campina a ser apanhado de um momento para o outro pela força que andava em caça d'elles?

Um grande terror se apoderou dos seus sentidos.

— Para onde me conduz? perguntou afflictissima, dirigindo-se ao homem de fato de pelles.

Elle, apertando-a sempre com grande violencia, respondia:

— Não sei, vem commigo, vem.

— Oh! mas deixe-me.

E procurava escapar-se-lhe dos braços.

— Não grites, não grites. O proprio echo póde trahir-nos.

E, envolvendo-a cada vez mais no seu olhar magnetico, proseguia:

vos da Torre do Tombo (2) com quatro grossos volumes manuscriptos, obra da madre Anna Maria do Amor Divino, para servir, diz ella, de supplemento e continuação ao *Tratado da antiga e curiosa fundação do mesmo convento*, composto pela madre Soror Leonor de S. João, que tambem fôra chronista, e destrinçára com louvavel perseverança as epochas remotas e obscuras do mosteiro em que professára, e onde, no dizer da sua continuadora, fôra modelo de virtudes bem averiguadas, ao revez de muitas outras, que, como logo veremos, tiveram o corpo no claustro e os espiritos a esvoaçar-lhes cá por fóra, em adoraveis tonterias proprias do sexo e das edades.

Impõe a nobreza obrigação, — affirma uma locução popular franceza — e a nossa madre Leonor de S. João, apezar de bem portugueza, por que fôra nascida em Lisboa, a 19 de outubro de 1569, como consta do ripanso de seu uso diario, que foi achado com outros livros no armario do côro do convento, não quiz destoar do seu fidalgo nascimento com acções menos dignas de sua prosapia, e por isso foi a nata e o beijinho das freiras suas contemporaneas.

Para que se não diga que escrevo de leve sobre assumpto tão grave, saiba o leitor, se lhe faz conta saber isto para alguma coisa, que D. Leonor de S. João foi filha de D. Rodrigo de Castro Barreto, e de D. Leonor Pinheiro de Lacerda, e bisneta de D. Rodrigo de Castro Ferrão, irmão da duqueza de Gandia, casada com o duque D. Francisco de Borja, que depois foi padre da Companhia de Jesus, e sempre subindo de postos, chegou a dar entrada no Flos Sanctorum, com applauso do mundo catholico.

Ter um santo na familia não é uma trivialidade qualquer, e foi por isso de certo que Soror Leonor de S. João caprichou sempre em honrar a memoria de seu bisavô, com praticas de muita santidade, e larga e sorna escripta de coisas muito devotas, com que fazia figas ao demo, gastando vinte e quatro annos em escrever o *Tratado da antiga e curiosa fundação do convento de Jesus de Setubal*, que tanto vae de 1620 em que lhe deu principio, até 1644 em que o terminou, dando noticia da restauração de Portugal e da acclamação de D. João IV, no capitulo vigessimo, e ultimo, da sua chronica, alliando assim o patriotismo ás demais boas prendas de que foi dotada.

Como á primeira vista póde parecer que a clausura de Setubal se ufanava, mais do que é permittido á humildade christã, com a ascendencia da madre Leonor de S. João, a chronista sua continuadora lança um pouco ao desdem os brasões dos duques de Gandia, dizendo *não ser raro terem entrada para aquelle convento noviças muito chegadas a sangue real*, picuinha com que parece dar de barato os pergaminhos com que Soror Leonor de S. João poderia em vida entufar-se, se por acaso tivesse sido mulher para confundir o oiropel das vaidades humanas, com o oiro de lei das aspirações celestiaes.

Foi o convento de Setubal fundado em 1496, e por esta remota data se póde conjecturar o improbo trabalho que teria Soror Leonor de S. João para remontar as suas pesquizas historicas setenta e tres annos atraz do seu proprio nascimento, desprovida dos necessarios elementos para apurar alguns factos de menos notariedade, porque, pelo que respeita ás genealogias das freiras teve ella por si os livros dos noviciados e dos obitos, manancial de que depois se aproveitou fartamente Soror Anna Maria do Amor Divino, legando-nos subsidios importantes, que d'aqui recommendamos aos escrivães dos filhamentos para enfeitar futuros aspirantes á carta de fidalgos cavalleiros.

Algumas vezes pois sincou a madre Leonor de S. João, menos truncando, do que occultando datas, lapsos de que a accusa a sua continuadora, mas perdoando-lh'os, como era de rasão e de justiça de uma para outra serva de Deus.

Vamos nós agora vêr como a madre Anna Maria do Amor Divino se tirou a limpo da empreitada que tomou de escrever os quatro grossos volumes, que eu tive a fortuna de desencantar, para gloria d'ella, e para que pouco a pouco se vá sabendo o que foram freiras, não todas, mas muitas, das que queriam o coração não só para amar a Deus, mas tambem o proximo como a si mesmas.

Na deprecação ao principe D. Theodosio, que antecede a *Arte de furtar*, escreveu o padre Antonio Vieira, curando-se em saude dos reparos da critica: *dirão que falo picante ou lepido, isso é o que pretendo para adoçar por todas as vias o desagrado da materia*. Eu repito o que disse o jesuita, não para adoçar o desagrado da materia, que esta é de si jovial, mas para me furtar a cair nas somnolencias do estylo freiratico, como póde acontecer, sem dar por isso, a quem de freiras anda tratando, e escrevendo.

(Continúa) *L. A. Palmeirim.*

sobrescripto, e que por serem da lettra da auctora, segundo me foi affirmado e é verosimil, separei e aqui grudei para memoria.»

Seguem se os signaes de tres grandes obreias, que em tempo *grudaram* o precioso authographo de Soror Leonor de S. João, que mão irreverente arrancou de seu logar, e logo, em continuação, uma curiosa declaração escripta pela propria mão de Soror Maria do Amor Divino, que resa d'esta maneira:

«Em novembro de 1810, quando o Ex.mo e R.mo Sr. D. Frei Alexandre da Sagrada Familia, bispo de Malaca se retirou para a ilha do Fayal, sua patria, buscando na companhia de seus irmãos o abrigo e a paz que n'esta capital não podia achar; deixou-me como legitima paternal este livro, por saber que eu o estimava mais do que os maiores thesouros da terra e me encarregou a continua licção n'elle, para conservar no convento as vivas saudades do Céo. Oxalá que n'elle me destine o Senhor um logar aos pés das minhas santas mestras, que me deixaram vivos exemplos de todas as virtudes.» (Assignada)

Soror Anna Maria do Amor Divino.

(2) Cella M. — Est. 7 — N.º 846 a 849.

RESENHA NOTICIOSA

Leilão transferido. Foi annunciado que ficava transferido para o dia 5 de novembro futuro, o leilão da livraria do fallecido dr. João Vieira Pinto, cujo catalogo se acha nas mãos de todos Bom fôra que este intervallo fosse aproveitado em procurar uma certa ordem áquelle informe trabalho, desegual e cahotico, para cuja regularisação não basta a memoria mais feliz e tenaz.

O principe de Monaco. Anda ha tempos em viagem scientifica e ao mesmo tempo de distracção este illustre personagem, a bordo da sua escuna *Hirondelle*, de que é o proprio commandante. Tem com esses dois fins aportado a algumas ilhas dos Açores, como Terceira, Flores, Fayal, Graciosa, S. Miguel, etc., desembarcando e visitando as curiosidades mais notaveis que n'ellas se encontram, e que já por elle haviam sido visitadas, na sua primeira viagem, em 1879. D'esta vez o illustrado principe, que vem acompanhado de elementos artisticos e scientificos, tem feito tirar varias vistas photographicas d'essas localidades. Isto deve instigar os photographos dos Açores a fazerem o mesmo. O principe seguirá para o Gol-

---

— Sabes que me pertences e que é inutil tentar fugir porque estás nas minhas mãos.

Ondina expediu um grito e elle poz-lhe sobre os labios a sua mão collosal.

Cala-te, cala-te!

Tornava-se cada vez mais critica a situação. Ouvia-se já a pouca distancia o ruido das vozes, de sorte que se podia perceber optimamente uma ou outra phrase solta.

— Não vê que estamos cercados por todos os lados?

— E regosijas-te, cuidando estar proximo o momento de receber o preço da tua traição?

— Mentes. Eu não atraiçoei ninguem. Não vês que nos vamos entregar aos nossos inimigos, que estamos perdidos, que...

— Não, não! rugiu exaltado ao extremo o feroz cigano. Eu só te vejo a ti n'este momento. Olha bem para mim. Contempla-me.

E cada vez a apertava com maior violencia, de uma maneira febril, cheio de grande irritação.

Inquieta, Ondina, debatia-se, fazendo grandes esforços por se lhe escapar dos braços que a magoavam, como se a estivessem apertando em um torno de ferro.

— Não apertes tanto, supplicava, deixa-me.

— Sim, heide deixar-te, mas não é já. Temos ainda alguns momentos que nos pertencem. Escuta.

Do lado da caverna, a distancia já do sitio em que se encontravam, começava a notar-se no horisonte uma côr rubra, que pouco a pouco se foi alastrando.

O cigano, sem largar nunca a sua presa, e fictando-a com o seu olhar vulcanico, ia proseguir, mas deteve-se.

Aquelle signal do céo attrahira-lhe a attenção. De repente, porém, soltou um grito de raiva. Tinha adivinhado tudo!

A chamma destacava-se agora do escuro, elevando-se em espiraes caprichosas, serpenteando nos espaços, como viboras de fogo, a sua extensa cauda luminosa.

Os dentes do cigano rangiam-lhe em contracções nervosas.

A gruta estava sendo atacada n'esse momento pelas tropas que o governador das armas pozera á disposição do *Frade*.

Como é sabido, fôra elle quem dera o plano e dirigia o ataque.

Formaram um grande circulo, de sorte que não deixassem por vigiar uma unica das muitas aberturas da gruta, e introduziram para uma d'ellas grandes porções de palha incendiada, afim de obrigar os que se achavam encurralados lá dentro a procurar uma sahida, que elle bem sabia não poder ser outra senão a que encontrára tapada com pedra solta e saibro.

Este estratagema sortiu o resultado desejado.

Os ciganos, entre a morte pela asphyxia e o risco de cair nas mãos dos que os perseguiam, optaram pelo segundo caso, e em um momento elles inutilisaram a sua obra e se submetteram á acção da lei.

Foram presos todos á proporção que iam apparecendo.

O *Frade* contava-os um a um, e nomeava-os pelos seus nomes, mas n'uma grande inquietação, sempre crescente; já haviam sahido todos e ainda elle teimava que faltava muita gente.

Não encontrára os quatro companheiros da noite, e sobretudo o homem do fato de pelles e a cigana.

Desceu á caverna, seguido de alguns troços da gente que se havia aggregado á diligencia, e depois do mais minucioso exame concluiu que effectivamente o homem de fato de pelles havia sido mais esperto do que elle.

Montou a cavallo e deitou pela campina fóra em correria desorientada. Alguns soldados que o seguiam perguntavam a si mesmo se o general os teria posto ás ordens de um louco.

Ás vezes parava de repente, surprehendido por algum ligeiro movimento da ramagem ou pelo murmurio monotono de algum regato que corria proximo e que aos seus ouvidos produzia o effeito triste de um queixume amargo.

N'outras era surprehendido por visões extraordinarias.

Um grande castanheiro isolado, e a distancia, transformava-se aos seus olhos n'um vulto sinistro.

Voltava-se então para os que o seguiam e mandava avançar, bradando:

— Rende-te ou morres.

Depois aproximava-se irado, e a realidade fazia-o enraivecer ainda mais, como se deveras elle andasse a esgrimir com a propria sombra, qual outro heroe de Cervantes.

—Ondina, Ondina, clamava então com desespero.

O echo repercutia lá ao fim pela cumiada dos montes, em uma extensão infinita, aquelle nome que resumia um poema e era para elle n'esse momento o objecto de todas as suas cogitações.

N'isto como ouvissem a pouca distancia um tiro, metteram immediatamente a galope na direcção d'onde elle partira. Mal havia dado, porém, uma duzia de passos, o cavallo em que o *Frade* montava parou de subito, dando um violento impulso para traz, de sorte que ia cuspindo da sella o cavalleiro.

Ao mesmo tempo ouviu-se um gemido prolongado, mas tão fraco e tão proximo que parecia arrancado das entranhas da terra.

De um pulo saltou em terra immediamente e curvou-se como quem procura algum objecto, tateando com as mãos, porque a escuridão era enorme.

Não teve muito trabalho. Logo no mesmo instante deparou com um vulto estranho estendido por terra, como que estorcendo-se na agonia derradeira.

— Olá, camaradas, disse elle para os soldados, ajudem cá.

E, emquanto se dispunham a obedecer a esta ordem, approximava-se d'aquelle vulto que tanto prendia agora a sua attenção, a fim de o reconhecer mais de perto.

Quem quer que fosse parecia afflictissimo, porque se debatia em contracções horriveis, revolvendo-se sobre a terra como um reptil e soltando uns grunhidos ventriloquos e medonhos.

— Eh! lá, amigo, então que é isso? Chumbaram-n'o bem!

Mas n'isto pareceu reconhecel-o. Deu um pulo para traz, como quem se não considera seguro e exclamou admiradamente:

— Olha, quem elle é?!

E voltando-se para os soldados, que se haviam approximado, disse-lhes:

— Levantem esse homem.

Foi obedecido no mesmo instante.

O *Frade* approximou-se então, encarou-o com a maior confiança e disse:

— Já não fazes mal a ninguem.

Era o homem de fato de pelles

(Continúa)

Leite Bastos.

pho, para fazer collecção de insectos microscopicos da superficie das aguas, que se encontram n'aquellas paragens, e atravessando a corrente, lançará de espaço a espaço cartas que indiquem a posição em que foram lançadas. As cartas serão escriptas em dez ou doze idiomas, mettidas em tubos de vidro e estes encerrados em espheras de cobre, e n'ellas se pede aos achadores para communicarem a certa estação o ponto e data em que foram encontradas. Tem isto por fim poder determinar-se a direcção e a corrente da agua. Em S. Miguel offereceu a bordo do seu navio um *lunch* aos ousados viajantes srs. conde da Silvã e barão de Fonte Bella (Jacintho), e por este ultimo foi offerecido outro a Sua Alteza na sua opulenta propriedade do Botelho.

O ARCHITECTO DONALDSON. Falleceu em Londres, com 90 annos o notavel architecto Thomaz Leveston Donaldson, decano dos architectos inglezes. Construiu entre outros monumentos a grande Bolsa de Londres, o templo da Victoria e o monumento do principe Alberto. Deixa duas obras importantes: *Pompeia* e *Collecção de Portas e Fachadas dos Antigos Monumentos da Grecia e da Italia,* com desenhos feitos por elle.

FALLECIMENTOS. Finou-se no dia 6 de agosto o general de divisão, reformado, Joaquim Antonio de Araujo Pessoa, que havia nascido no Algarve a 13 de fevereiro de 1813. Assentára praça em 1833 no Porto a 12 de abril como aspirante a official; foi em 1838 promovido a alferes, e seguindo os varios postos, foi finalmente promovido a coronel a 16 de maio de 1874, sendo, quando se reformou em 1881, commandante do batalhão de caçadores n.º 5. Tambem no dia 27 succumbiu o marechal de campo, reformado, Francisco de Mello Baracho, commandante do Asylo dos Invalidos de Runa. Fôra um bravo militar, e além de ser ainda dos que batalharam na Terceira e no Porto em prol da liberdade, e em cujas lides foi uma vez gravemente ferido; era um dos pouquissimos sobreviventes da campanha de Montevideu e Rio da Prata. Havia trinta annos que se achava reformado, e tinha sido promovido a alferes em 1818. Falleceu com cerca de 90 annos.

UM «SOVA» DO CACONGO (Segundo uma photographia de Moraes)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

SYNOPSE DOS TRABALHOS DA CAMARA DOS DIGNOS PARES DO REINO, *na legislatura de 2 de janeiro de 1882 a 17 de maio de 1884, Lisboa, Imprensa Nacional,* folio de 86 pag. A importancia d'este trabalho que é como que um indice para aquelles que queiram saber de prompto como e quando se tomaram taes e taes resoluções. E este opusculo dividido em quinze partes, que são outros tantos mappas, contendo a 1.ª as actas das sessões reaes, a 2.ª as cartas regias de nomeação dos vice-presidentes e presidentes suplementares; a 3.ª os discursos da coroa; a 4.ª os projectos de lei da camara dos deputados reduzidos a decretos e submettidos á sancção real; a 5.ª os projectos da mesma camara devolvidos pela dos pares com alterações que aquella approvou; a 6.ª os que a dos pares regeitou; a 7.ª os que foram devolvidos por terem caducado; a 8.ª os projectos de lei da camara dos pares reduzidos a decreto e submettidos á sancção real pela dos deputados; a 9.ª os projectos da camara dos pares devolvidos com alterações pela dos deputados, com que a primeira se conformou; a 10.ª os projectos de lei da camara dos pares que ficaram prejudicados; a 11.ª os projectos da mesma camara e que n'ella caducaram; a 12.ª os pareceres das commissões; a 13.ª requerimentos, notas de interpellação, noções e propostas dos pares e ministros; a 14.ª decretos reaes e a 15.ª resoluções da camara da mesa e da commissão administrativa.— A simples indicação d'estes mappas mostra a importancia e utilidade d'esta publicação, e a proficiencia e cuidado com que está feito, devido ao muito zelo do habil official da camara dos pares o sr. Manuel Cypriano da Costa Freire, coadjuvado pelos mais empregados d'ella.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS... David Corazzi, editor. Empreza Horas Romanticas. Lisboa, rua da Atalaya, 52. Filial no Brazil: 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro.— Publicaram-se com a regularidade usual dois fasciculos d'esta já vasta encyclopedia: n.º 110, *Metallurgia,* por João Maria Jalles, capitão de artilheria, e *Manual do ferrador,* por D. Antonio José de Mello, alferes de cavallaria; ambos os fasciculos são illustrados com gravuras.

REVISTA DE GUIMARÃES. Publicação da Sociedade Martins-Sarmento, promotora da instrucção popular no concelho de Guimarães. Vol. II, n.º 3. Julho—1885.— Porto, typ. de A. J. da S. Teixeira, rua da Cancella Velha, 70.— Comprehende este fasciculo: *Notas para a historia dos hospitaes de Guimarães,* por J. de Meira; *Apontamentos sobre a alimentaçao das especies pecuarias no Minho,* por J.'C. da Motta Prego; *Gaspar Estaço de Brito 156?-1626,* por D. Leite de Castro; *A Capella de Sant'Anna e as ossadas apparecidas na travessa do mesmo nome,* pelo padre Abilio de Passos; *Boletim,* pelo secretario Adolpho Salazar; *Balancetes,* pelo thesoureiro Eduardo Almeida. Tem interesse e curiosidade os artigos publicados n'esta *Revista.*

REVISTA DE ESTUDOS LIVRES. Directores litterario-scientificos: em Portugal, dr. Theophilo Braga e Teixeira Bastos; no Brazil, drs. Americo Braziliense, Carlos Koseritz e Argymiro Galvão.— Nova livraria Internacional. Lisboa, rua do Arsenal, 96. 1885.— Publicou-se o n.º 4 do 3.º anno, relativo a junho ultimo, e contém: *A cholera em Valencia e o systema de prophylaxia anti-cholerica do dr. Jaime Ferran y Clúa,* por Philomeno da Camara Mello Cabral, etc. Como se sabe o dr. Philomeno foi um dos medicos commissionados pelo governo portuguez, para irem a Valencia estudar a epidemia e a prophylaxia preconisada do dr. Ferran; ainda de Valencia dirigiu tres correspondencias para a *Coimbra Medica,* agora depois do largo relatorio que a commissão apresentou, e foi publicado na folha official, o illustre professor da Universidade congloba no seu estudo todas as noticias relativas á epidemia que grassa no paiz visinho, comparando-a com as anteriores, analysa o processo Ferran com toda a imparcialidade, e apresenta umas indicações de prophylaxia individual e collectiva. É digno de attenção este trabalho.

A RUA DA AMARGURA, por D. Manuel Juan Diana, traducção livre; Joaquim Antunes Leitão, editor, Porto. Volume 1 d'este romance, pertencente á collecção da *Bibliotheca do Cura de Aldeia,* e premiado pela Academia Hespanhola. Para os que conhecem a boa escolha dos romances publicados por esta antiga bibliotheca, escusado é recommendar esta obra, como um romance moral que póde ser lido pelos mais meticulosos, um romance de familia, que deleita e não perverte, ainda que este predicado não é hoje o que mais se recommenda para os que só procuram na leitura o escandalo e a nudez desbragada das pustulas sociaes

NOÇÕES GERAES DE GEOGRAPHIA E CHRONOLOGIA E CHOROGRAPHIA PORTUGUEZA, etc., por Carlos Augusto dos Santos Affonso, etc. Imprensa da Escola dos Surdos Mudos, editora, Porto. Este livro é especialmente dedicado ás escolas primarias e feito segundo os programmas officiaes. É dos mais completos que conhecemos, no seu genero, e de grande vantagem para o estudo, peccando mais por exhuberancia do que por deficiencia, se attendermos que a maioria dos estudantes são creanças, a quem não é facil reter na memoria certas minuciosidades, que podem prejudicar as idéas geraes e elementares.

MOMENTANEAS, por Nuno Rangel, Porto, 1885. Um elegante volume de versos que é ao mesmo tempo uma estreia sympathica. Os versos do sr. Nuno Rangel filiam-se na escola de João de Deus. A sua lyra tange mais fortemente as doces cordas do amor, não tem peçonha e discorre n'um idylio quasi pastoril pelas 104 paginas do mimoso livrinho.

CHRISTOVÃO COLOMBO, 14.º volume pertencente ás *Biographias de Homens Celebres dos Tempos Antigos e Modernos,* publicado pela casa editora David Corazzi. Esta collecção de livrinhos é muito elegante e muito economica, divulgando as biographias dos homens a quem a humanidade mais deve pelos progressos que lhe promoveram.

ESTATISTICA DO PARIATO PORTUGUEZ, *desde a sua fundação até 31 de dezembro de 1884. —Lisboa, Typographia Castro Irmão, 1885;* fol. ou 4.º max. de VI — 53 pag.— Esta estatistica foi pela primeira vez elaborada, ha annos, pelo sr. Manuel Cypriano da Costa Freire, empregado na camara dos pares, com improbo trabalho, porque, como dizia Garrett da sua chronica de D. Pedro IV, andava já mais embaraçada do que a historia dos primeiros tempos da monarchia. Effectivamente assim o devia ser, mas levantados os primeiros alicerces, tornou-se depois o encargo menos pesado de futuro. Reformado agora pelo sr. Alegro, augmentado com alguns mappas elucidativos novos, e corrigido de alguns erros vae-se approximando da perfeição que nos parece não estar longe de ser attingida. É um grande elemento de historia, e muito interessante, nomeadamente, para a avaliação dos homens e do periodo agitado de 1828 a 1833.

AVISO

Com este numero do OCCIDENTE é distribuido gratis a todos os srs. assignantes e correspondentes um supplemento

A Victor Hugo

Este supplemento custa avulso 400 rs. e com o jornal 500 réis, o jornal só 120 réis.

Todas as pessoas que tomarem assignatura por um anno recebem este supplemento gratis e os mais que se publicarem durante o anno.

TYP. ELZEVIRIANA. — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.